

MARTA PINHEIRO AUN

**NO LAR SEM COROA:  
o tempo invadido, a informação rarefeita**

(estudo da relação das empregadas domésticas com a informação e a leitura)

BELO HORIZONTE  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA - UFMG

1993

MARTA PINHEIRO AUN

**NO LAR SEM COROA:  
o tempo invadido, a informação rarefeita**

(estudo da relação das empregadas domésticas com a informação e a leitura)

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Ciência da Informação da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Informação.

Área de concentração: Informação Social

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Pereira Cardoso

Belo Horizonte

1993

FOLHA DE APROVAÇÃO

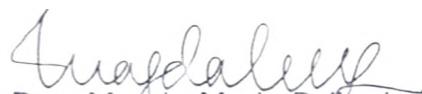
Título da dissertação: NO LAR SEM COROA: O tempo invadido, a informação rarefeita (estudo de relação das empregadas domésticas com a informação e a leitura

Nome da aluna: MARTA PINHEIRO AUN

Aprovada pela Comissão Examinadora constituída pelos professores:

Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Pereira Cardoso  
Orientadora

  
Prof<sup>a</sup> Odília Clark Peres Rabello

  
Prof<sup>a</sup> Dra. Magda Maria Bello de Almeida Neves

  
Prof<sup>a</sup> Alceni Soares dos Reis<sup>^</sup>  
Suplente

Belo Horizonte, 24 de maio de 1993.

*À Ecléa Bosj,  
mulher de saber e coração imensos.*

*À Clotilde Macedo Pinheiro, minha mãe,  
que sempre esteve junto das empregadas  
domésticas.*

## AGRADECIMENTOS

À estas mulheres trabalhadoras: Eliene, Ivany, Ivete, Beatriz, Marlene, Edna, Ana, Zilma, Fátima, Maria, Eliane, Railda, Aparecida, Maria lima (presidente do Sindicato das Empregadas Domésticas de Belo Horizonte), Anelina Bonifácia, Luzia, Madalena, Isabel, Natalina e Maria de Fátima, a vida desta pesquisa.

À Ana Maria Pereira Cardoso, agradeço a competência de sua orientação, sua atitude crítica e encorajadora, seu imenso interesse e respeito à minha individualidade.

À Odília Clark Peres Rabello, pela ajuda na escolha do tema e seu interesse.

À Magda Maria Bello de Almeida Neves, pela sua disponibilidade, grandes idéias e ótima seleção bibliográfica.

À Maria Martha de Carvalho que me incentivou a vir para a Escola de Biblioteconomia.

À Etelvina Lima que me mostrou o fascínio da área.

À Mônica Cardoso Pitella pelo apoio, sugestões e o mais importante, a amizade.

À Alcenir Soares dos Reis, colaboradora e amiga.

Ao colegiado do curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação, por esta segunda chance.

Aos professores e funcionários da Escola de Biblioteconomia, por esta nova acolhida.

## SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

«

1	INTRODUÇÃO .....	8
2	EMPREGADA DOMÉSTICA:A MULHER .....	16
2.1	Gênero feminino: subordinação .....	17
2.2	Cidadania: exclusão .....	25
2.3	A Informação rarefeita .....	33
3	DOMÉSTICA: A MULHER QUE TRABALHA, SEMPRE .....	45
3.1	Desmistificando a mística feminina .....	46
3.2	Na reserva do exército-de-reserva .....	52
3.3	Ideologia de classe e cidadania .....	57
3.4	Participação social e sindicato .....	61
3.5	A Informação aurática: fetiche edominação .....	67
4	EMPREGADAS DOMÉSTICAS: LEITURA, NECESSIDADES E DESEJOS .....	72
4.1	Leitura .....	73
4.2	Necessidades .....	94
4.3	Desejos .....	108
5	RECOMEÇANDO .....	122
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	131

ANEXO

## RESUMO

O estudo examina como a informação se insere na vida das empregadas domésticas, sindicalizadas ou não, trabalhadoras em Belo Horizonte e residentes no local de emprego. É verificada a forma como estas mulheres trabalhadoras se apropriam, ou não, destas informações de forma a lhes possibilitar um crescimento que as ajude a vencer o bloqueio da submissão que sofrem, desde a infância, por serem mulheres, gênero feminino e o sentimento de exclusão social introjetado que não lhes permite construir sua cidadania. É analisado o acesso à informação através da leitura e de outros diferentes canais, inclusive a fonte oral, e a relação existente entre a informação recebida, a submissão do gênero, e a exclusão social como fatores possivelmente inibidores a este acesso. A análise dos dados colhidos através de entrevistas permite verificar que tanto a submissão pelo gênero como a exclusão social são resultado da ligação do capitalismo ao patriarcalismo como força mantenedora da desigualdade profissional entre os sexos em função de um maior acúmulo de riqueza. A pobreza informacional a que esta categoria profissional está submetida é percebida por seus elementos como resultado da carência de escolaridade devido à sua profissionalização quando ainda crianças.

## ABSTRACT

This study examines the role of informational poverty in the lives of women who work as domestic servants in Belo Horizonte, Brazil. These women, whether unionised or not, live in the homes of their employers. In what ways does this information influence their oppression and social exclusion, which starts in childhood as a result of gender and results in their disenfranchisement from society. Access to information is analysed by source and the way this access is inhibited by such factors as oppression by gender and social exclusion, is also examined. Data collection's carried out using an interview technique. The results verify that both submission by gender and social exclusion are a result of the relationship between capitalism and a patriarchal society which promotes inequality between the sexes as a means of maximising profit to accumulate wealth. A major factor influencing this informational poverty results from these women starting work while still children.

## **1 INTRODUÇÃO**

Dentre as camadas dominadas brasileiras, um dos setores profissionais que mais tem sido marginalizado, em todos os aspectos sociais, é o das empregadas domésticas. Estudos relevantes e de consolidado prestígio, têm-se preocupado com a mulher operária. O cansaço sempre presente em sua vida, a dupla jornada de trabalho, as péssimas condições ambientais das fábricas, a fome, a doença, o desamparo. Mas o que se observa, no entanto, é uma carência de pesquisas que façam emergir este grupo pobre e numeroso que segundo Saffioti (1978) é maior em contingente (30% da PEA feminina) que qualquer outra profissão feminina: o grupo formado pelas empregadas domésticas do nosso país.

Estas mulheres sempre me encantaram com seu jeito feminino e enfeitado de ser, sabendo misturar a moda burguesa com uma boa medida de prazeres simples que lhes confere um visual alegre e descontraído que é só delas, e que a nossa sociedade não sabe como definir, apelidando, numa atitude bastante vulgar, a meu ver, de "bregas" ou "barangas".

São mulheres com encantamento pela vida que apesar de não "terem estudo" como elas mesmas dizem, têm uma capacidade treinada e aperfeiçoada por anos de trabalho, iniciados na infância, de gerenciar lares em atividades repetitivas e diversificadas. Cozinham, arrumam, lavam, passam, fazem faxina, trabalhos de jardinagem, cuidam de crianças, levam e buscam na escola, fazem compras, pagam contas, são companhia, às vezes enfermeiras e servem de analistas para muitas patroas, ouvindo-lhes os problemas, sugerindo viver melhor. São gerentes-malabaristas: coordenam o espaço, dividem tarefas e ainda sobra tempo para "bater pernas" e dançar.

Passei então a observar, comparar tantos elementos que compõem o modo de vida e a dinâmica social destas mulheres trabalhado-

ras, atores que desempenham papéis de produção e reprodução e que apresentam características que as diferenciam substancialmente da operária, e de outras classes profissionais, que vivem periféricamente, nas bordas de uma sociedade no que se refere aos direitos, e movem o centro desta engrenagem quando se refere a deveres e trabalho. Como as outras classes trabalhadoras estão inseridas no mercado formal, não especializado, devendo ser objeto de estudo bastante interessante dentro da nossa área informacional.

Diante do fascínio dos dados, das divergências de características com outras mulheres-trabalhadoras, a carência de estudos específicos foi difícil para mim efetuar o recorte necessário e estabelecer por onde começar a sondar, dentre o emaranhado do imaginário social e especificidades históricas, a minha linha de pesquisa.

A informação era o meu ponto de partida, estas mulheres trabalhadoras o meu alvo, e verificar como a informação permeia e se insere na vida delas, tornou-se o meu objetivo.

Selecionei para a minha pesquisa somente domésticas que tinham por característica dormirem no emprego e serem alfabetizadas.

Dormir no emprego eliminaria, em princípio, a dupla jornada de trabalho e estabeleceria um contato sistemático das domésticas com um espaço de trabalho definido pelos padrões de famílias de classe média e alta que possibilitaria sua convivência diária, com as mais diferentes fontes de informação: livros, revistas, jornais, rádio, televisão, vídeo, telefone, computadores, fax.

Considerando este recorte opcional como dado relevante o problema então colocado é o que fundamenta a escolha do meu tema: Por que, tendo acesso aos mais diversos canais informacionais, a empregada doméstica não se apropria das informações que estes canais transmi-

tem, vencendo assim o bloqueio da subordinação social e o seu sentimento de exclusão, para construir sua própria identidade como mulher e cidadã?

Definido o problema estabeleci objetivos que norteassem a minha pesquisa. Diante do fascínio do tema deveria controlar meus impulsos de interesse social para que a riqueza humana não me conduzisse às mais diferentes indagações, que acabassem por me afastar do meu objeto de pesquisa.

O principal objetivo foi o de identificar o tipo de necessidade de informação das empregadas domésticas e o seu nível de interesse pela leitura. Foi verificado se existe hábito de leitura no grupo pesquisado e se conseguem buscar informação que atenda às suas necessidades. O tema comporta uma análise do sentimento de exclusão social como fator possivelmente inibidor da conscientização das necessidades de leitura e busca de informações. Outro objetivo que norteia este trabalho seria o de verificar o nível de interferência da família-empregadora quanto ao acesso das empregadas domésticas aos canais de informação e no caso de terem este acesso, serem alfabetizadas e tendo tempo disponível para leitura se elas teriam interesse e curiosidade, fechando assim o ciclo de características mínimas exigidas a um leitor potencial segundo estabelecido por Hatt (1976).

Da delimitação do tema, leituras e observações, comecei a vivenciar as palavras de BOSI, A (1987):

*"... quando nos deslocamos desse ângulo de espectadores atônitos para o de analistas e intérpretes ou, melhor ainda, para o de criadores de cultura, entrevemos, em meio ao labirinto de vozes e imagens, algumas linhas de força mais clara que, perseguidas até o fim, remetem a estruturas sociais diferenciadas.*

*O plural sustém-se e impõe-se de pleno direito, mas aquela impressão de caos e nonsense ficará por conta do*

*estí/o de show alucinante montado por esta gigantesca fábrica de sombras e revérberos chamada civilização de massa.*

*É preciso olhar tudo de novo, devagar."* (grifos meus)

O passo seguinte foi a definição da metodologia. Qual seria a melhor maneira de chegar perto deste grupo ao mesmo tempo tão próximo e tão distante, que habita a nossa casa e vaga por nossas famílias como um fantasma necessário e tantas vezes indesejado. Que razões de ordem teórica me norteariam para que o aflorar dos sentimentos não mascarasse o conteúdo real? A ajuda da Psicologia Social, Sociologia, Ciências Políticas, aliadas à Ciência da Informação efetivamente contribuíram para um maior esclarecimento e compreensão do problema da necessidade real de informação da mulher doméstica, gênero subordinado e tantas vezes excluído socialmente.

À frente do conteúdo selecionado através de revisão de literatura estavam as mulheres domésticas fazendo a cultura que neste trabalho apenas tentarei recriar. Aproximei-me delas através das entrevistas, técnica escolhida pela sua flexibilidade que me permitiria modificar estruturas pré-estabelecidas e "olhar tudo de novo" se necessário. Por outro lado, as respostas se configuram em conversas, um caso, outro, uma história de vida.

Foram 20 entrevistadas: 13 empregadas não sindicalizadas e 7 sindicalizadas. Era preciso ouvir as diferenças. Não tenho nenhuma pretensão de apresentar dados quantitativos e sim qualitativos, pois como bem soube expressar Arackcy Rodrigues (1978) *"para não correr o risco de ganhar em rigor e perder o objeto*

Este trabalho pretende assim ser uma fonte alternativa à documentação oficial, onde as empregadas só aparecem em altas cifras no

que diz respeito à baixa escolaridade, falta de especialização e onde, mesmo aparecendo em grande número (700.000 empregadas registradas em Minas Gerais e 380.000 registradas em Belo Horizonte) não despertam o interesse da sociedade, do estado e muitas vezes nem o da família-empregadora para quem mais do que trabalham, servem.

O primeiro contato nem sempre foi fácil. Havia a desconfiança do "por que este interesse agora?" Mas diante da disponibilidade de cooperar com o outro as dificuldades foram sendo vencidas. Fluiu. Não havia pretensão de "acertar" mas de cooperar. As respostas foram ricas, claras e esclarecedoras. Se a linguagem era por vezes concisa, o corpo falava numa clareza feminina e sensual de gestos e de sentidos que iam do olhar encorajador ao silêncio que pedia respeito, do riso franco, à lágrima nem sempre contida. Aliás não havia o que conter. A vida, uma informação só de corpo e sentimentos soltos.

Empiricamente, a reflexão sobre o tema conduziu-me a duas hipóteses:

a) Mesmo estando expostas a um denso e variado volume de informações, as empregadas domésticas não têm atendidas as suas necessidades de informação.

b) As empregadas domésticas tendo atributos que qualificam um leitor-potencial, não se tornam leitor-efetivo devido ao sentimento de subordinação feminina introjetado através da exclusão social que sofrem.

A princípio não me pareceu que seriam hipóteses contrárias, talvez um estudo sobre o óbvio pois para muitos autores pesquisar países periféricos e seus diferentes e complicados momentos sociais é penetrar porta adentro na obriedade. Como disse Sader (1988) é pesquisar uma passividade, um conformismo, uma incapacidade de universalização

dos objetivos onde se "*cristaliza uma imagem de classe incapaz de ação autônoma*"<sup>1</sup>.

Mas a surpresa talvez acontecesse ao me entrever

*"em meio a labirinto de vozes e imagens, algumas linhas de força mais claras que, perseguidas até o fim, remetem a estruturas sociais diferenciadas. ... É preciso olhar tudo de novo, devagar."* (BOSI, A., 1987).

percebi que nem a literatura se deu conta, até o fim, desta mulher trabalhadora.

"Pernoitando" em casas confortáveis tem por direito um quarto, em geral de 4 metros quadrados que abriga um corpo diariamente cansado e a fantasia de um coração que bate forte, cheirando à cera, despejo e pinho-sol. Nem os 4 metros quadrados lhe pertencem. Divide-os com os guardados indesejáveis do lar. Mesmo assim consegue tocá-los com o aconchego de uma almofada em forma de coração, um pôster de cantores regionais, o namorado numa moldura carinhosa, bichinhos de pelúcia, o rádio, o pequeno aparelho de TV, e uma imagem guarnecida com forrinho de crochet. E quase sempre se diz feliz aqui em Belo Horizonte.

Migrantes rurais perderam suas referências culturais na cidade. Sem mecanismos de representação "*tenho vergonha de falar que sou doméstica*" (Ivany), alienadas e massificadas pelos meios de comunicação e o habitar "dos outros" não se percebem pessoas políticas, parte integrante deste país, que como a sociedade, não as enxerga.

A infância, sua escola profissional, dá-lhe uma profissão a partir dos cinco anos. Do guizadinho, das panelinhas, para o fogão-de-le-

<sup>1</sup> Sader se refere aqui aos estudos ideológicos das classes marginalizadas em seus diferentes espaços.

nha e o micro-ondas. Da roça, da enxada, do lavrado, para as salas, os eletrodomésticos, os carpetes.

*"Eu não tive infância. Só fui ter infância, mais velha, dos treze para cá, quando eu era babá. Aproveitava e brincava..."* (Isabel).

Menina ainda, só conta com ela e o emprego para sobreviver econômica e emocionalmente. E não adianta procurar revolta entre Qlas. Têm consciência da injustiça social a que estão submetidas mas não esperam mudanças. Têm consciência de que *"falta estudo"*.

Não têm a menor expectativa de que este meu trabalho possa ajudá-las de alguma forma, ao contrário, praticamente se dispõem a me ajudar. Sou eu quem precisa de ajuda. Elas precisam de coisa muito maior.

O que elas mais querem é respeito.

Considero que será muito importante se com este trabalho conseguir enxergá-las, senti-las como mulheres que esperam por um espaço conquistado com suor e prazer, com sabedoria e simplicidade, com trabalho e realizações, com amor e luta, mas sobretudo, espaço nosso de conquista feminina.

De qualquer forma esta pesquisa proporcionou-me coisas muito importantes; o aprofundamento de conhecimentos que se iniciou aqui e a oportunidade de compartilhar o trabalho com a experiência destas mulheres e o conhecimento e interesse de minha orientadora.

## **2 EMPREGADA DOMÉSTICA: A MULHER**

A mulher doméstica, empregada ou não, ocupa uma posição de subordinação que nasce dentro da própria família e é assimilada socialmente. Devido a sua condição de gênero feminino, os caminhos para superar esta subordinação, a exclusão social e a ausência de conhecimentos, parecem mais tortuosos que os traçados para os homens.

## 2.1 Gênero Feminino: Subordinação

Se tomamos a gramática como referência para conceituar gênero teremos que é a propriedade das palavras indicarem o sexo real dos seres. Na nossa língua são dois os gêneros: o masculino e o feminino. Enunciados e colocados nesta ordem por qualquer gramático. Se conceituarmos gênero sociologicamente, teremos então, que a noção de gênero é um constitutivo de razão simbólica e, sua transcendência de um modelo criado em uma determinada cultura para outra torna-se impossível. Assim sexo e gênero dentro das diferentes culturas, não são sinônimos. Enquanto o sexo refere-se ao biológico determinando os seres como macho e fêmea, gênero é uma construção sócio-cultural que classifica os seres em masculino ou feminino.

Coincidentemente ou não, na elucidação da palavra gênero pela sociologia, dada por Heilborn (1990) citado por Eggert (1992) mais uma vez o masculino é citado à frente do feminino.

Ao olhar a mulher, gênero feminino, como um ser que sofre enormes dificuldades de se localizar sócio-culturalmente, de forma igualitária, com o gênero masculino, percebi que esta divisão tão clara e simples muito tem de complexa. A determinação gênero feminino tem limitado a mulher em diferentes aspectos descaracterizando-a em sua condição humana de somente ser mulher. Constatar então a sua subordinação social

não é novidade para ninguém. Mas em que aspectos esta subordinação é mais evidente? Eliminá-la seria possível ou utópico?

Resolvi olhar de novo estas mulheres, não pelas suas características de gênero mas pela sua capacidade de se igualar ao homem, no que se refere ao trabalho.

Se com suas características de gênero feminino a mulher não se impõe como pessoa como seria natural, me apego à luz ao final do túnel vislumbrada por Simone de Beauvoir que vê o trabalho como a única chance da mulher se impor como indivíduo autônomo, condutora do seu próprio destino e não um "sexo perdido" (1949).

Mas então novas perguntas se colocam. E a mulher, não trabalha tanto?

A Ciência, onde podemos buscar nossa resposta, só muito recentemente tem se preocupado com a situação da mulher como trabalhadora. Nos estudos desenvolvidos é visível a situação de opressão da mulher nas classes trabalhadoras expressa na exclusão, segregação do mercado de trabalho, na reprodução da força de trabalho, no desgaste da dupla jornada, no esforço nunca reconhecido e sobretudo na sua subordinação à chefia masculina que reforça o nível de desigualdade profissional. Assim o trabalho feminino tem sido concebido a partir da noção de divisão sexual do trabalho o que definiria a pré-existência de relações sociais divergentes, entre os sexos.

Nesta linha de pensamento,

*"os espaços produtivos seriam segregados, definindo-se qualificações e características próprias para cada tarefa, conforme o sexo de quem a executa" (Hirata e Humprey, citado por Bruschini, 1985).*

Isto tem que ser visto como um processo histórico, não pode ser encarado como natural, próprio das características biológicas de cada sexo.

A humanidade inaugura historicamente uma nova era, pós\*industrial, a era informacional e ainda estamos nos debatendo por direitos femininos. As palavras de Pena são duras, mas esclarecedoras:

*"Consciente ou inconscientemente as mulheres foram apagadas de nossa história e a leitura dos textos daqueles que se preocuparam em estudá-las provoca a impressão que este é um país habitado somente por homens" (1981).*

A mesma autora diz ainda, citando texto de Reich, Gordon e Edwards, que certas ocupações têm sido geralmente restritas a homens; outras a mulheres. Salários no segmento feminino são usualmente mais baixos que nas ocupações masculinas comparáveis; ocupações femininas freqüentemente requerem e encorajam uma mentalidade de subserviência. A historicidade do gênero nos comprova esta já longa e triste realidade. Mas que força mantenedora é esta que encoraja esta subordinação, este desequilíbrio entre seres iguais?

Não há mais dúvida de que o mercado de trabalho é sexualizado.

As ciências sociais preocupadas em justificar toda a relação social vigente pelo foco do capitalismo, esqueceu que o que mais contribuiu, e contribui para a situação de subordinação das mulheres, continua sendo o patriarcalismo.

Por Patriarcalismo se entende as relações sociais de reprodução organizadas na família e que designam à mulher o trabalho re-

produtivo, base geracional para o "*bom funcionamento da sociedade*" (Benevides, 1991).

A família é esta força institucional na qual os sexos de mulher e homem, se transformam em gêneros feminino e masculino. É uma escola mantenedora da "ordem" pela distribuição de papéis sexuais que aí são aprendidos e reproduzidos. Espaço onde o trabalho é organizado de forma a sempre privilegiar o gênero masculino.

Na família é como se a história não ultrapassasse o feudalismo. Em troca da proteção do homem, por ser ele o principal ganhador familiar, a mulher se torna uma figura complementar, tanto no lar como fora dele. Integrando-se ao trabalho formalizado ela transfere para este domínio as relações de reprodução que o interior da família lhe atribui; a prestação de serviços pessoais, o cuidado aos doentes, a educação das crianças, as tarefas domésticas. Assim se analisamos os trabalhos considerados "femininos" em nossa sociedade vamos constatar que esta representação feminina do trabalho da mulher segue as mesmas linhas de sua "representação" na família. Assim, como nas sociedades pré-capitalistas, a família tendo como cabeça a figura do pai, do senhor, é unidade econômica por excelência, servindo ao sistema.

Não devemos dizer que o capitalismo tenha gerado o patriarcalismo, ele já existia, e por ser útil, o capitalismo o mantém e o reforça incorporando-o à sua própria dinâmica.

A subordinação da mulher ao homem já está introjetada em sua psique. É tradição histórica, é tradição de família. Consciente ou inconscientemente "*a mulher é vítima do casamento infeliz do capitalismo com o patriarcalismo*" Pena (1981), e o lar é o "*locus*" da exploração econômica e da geração do valor onde as relações sociais entre indivíduos

pelo gênero se expressam e vivem uma dualidade de dominação e subordinação.

A mulher insubstituível na reprodução nunca intervém como vetor social, e desaparece por detrás do homem: o seu pai, seu irmão, ou seu marido. Esta condição de mulher, como vemos não pode ser considerada natural, realmente resulta de circunstâncias históricas, sempre ligadas à sua função de reprodutora.

*"... a mulher interiorizada pela sua vulnerabilidade social é posta a trabalhar sob a "proteção " masculina. Casada, a subordinação da mulher, das relações de filiação passou a subordinação da conjugalidade. (...) Morta, os seus funerais são muitas vezes imperceptíveis, porque a mulher não morre, desaparece, salvo exceções, sem ascender à posição de antepassado" (Meillassoux, 1975).*

À primeira vista esta realidade, que magoa, parece drama barato. Mas não, as palavras de Meillassoux encontram eco no depoimento de Maria Lima, uma de nossas entrevistadas:

*"Quantas e quantas vezes o sindicato teve de fazer o funeral de empregadas que serviram anos e anos à famílias, muito bem de vida, de Belo Horizonte, e que morrem na indigência, sem ninguém, nem para reconhecer o corpo..."*

Que treinamento perverso e de aspecto tão "natural" é este que possibilita a aprovação feminina a esta condição de subordinação, pelo único fato de serem mulheres?

Como já foi falado ele é feito pela família. Desde muito cedo, às meninas, são atribuídas qualidades como passividade, docilidade, permissão do desejo de poder somente no seu "reino" do lar, instinto de maternidade, romantismo, enquanto aos meninos correspondem as quali-

dades da iniciativa, tenacidade "*homem, não desiste*", desejo de liberdade, racionalidade, força e poder.

Assim condicionada à subordinação a mulher assume comportamentos de tal forma assimilados que lhe parece natural, como uma função biológica, que a predestina a ocupar posições subalternas na hierarquia produtiva como o é, em família.

Da casa, do quintal, da cozinha, a mulher se deslocou dos rotineiros, e às vezes humilhantes trabalhos domésticos, para atividades consideradas "formais". Sem um treinamento profissional, a não ser o que a sociedade a condiciona desde a infância "*desde que eu lembro de mim eu estava trabalhando de serviço de casa, ou na roça*" (Natalina), ela assume as profissões menos qualificadas, mais rotineiras e monótonas, pior remuneradas, espelho de suas atividades do lar.

Quando costureira, às vezes, é costureirinha, enquanto o homem é alfaiate. Se cozinheira, às vezes é "chofer de fogão" enquanto o homem na mesma ocupação é "chef de cuisine". Nenhum homem é alfaia-tezinho, nem empregadinho. Sem o reconhecimento do valor de seu trabalho ainda é mais desvalorizada por adjetivos e apelidos aniquiladores.

Marcado pela diversidade e insegurança de entradas e saídas no mercado formal o trabalho, quando feminino, tem como características predominantes ser descontínuo, repetitivo, de baixa qualificação, mal remunerado e sem possibilidades de crescimento hierárquico ou liderança.

Nas poucas chances de "trabalhar fora" seu campo de atuação será sempre de ajudante, assistente, ou seja, estará quase sempre exercendo uma função de subordinação a um chefe masculino, em atividades que a colocam sempre à margem de qualquer processo decisório, a começar pela sua própria vida e posição social.

*"... como as mulheres se encontram encapsuladas num número pequeno de ocupações cuja relação capital/trabalho é relativamente baixa, o seu trabalho tem uma baixa produtividade, que se reflete nos salários auferidos, conforme rezam os postulados do conceito de função de produção" (Pena, 1981).*

Assim a mulher se vê obrigada a levar para o domínio do Trabalho coletivo, aquele que poderia ser vetor de sua liberdade, as determinações sociais do seu sexo. A organização social e a divisão sexual do trabalho minam-lhe as chances de adquirir segurança e poder decisório.

*"Subjugadas em sua sexualidade, a mulher tornou-se e tem sido, uma agente reprodutora. Em torno do trabalho reprodutivo, gerando novas crianças e mantendo-as vivas, em volta do trabalho doméstico, ela realiza a identidade que lhe foi imposta. Mesmo o capitalismo que a assalariou, não permitiu que essa identidade se perdesse: as mulheres seriam duplamente úteis, como trabalhadoras e como mães/esposas: pelo seu trabalho na produção e pelo seu trabalho na reprodução; criando valores de troca e criando trabalhadoras/as." (Pena, 1981)*

Diria até que a sua utilidade ainda é maior ao enlace patriarcalismo/capitalismo, pois ao gerenciar a casa ela cria condições para que os homens e outras mulheres de sua família tenham estrutura e condições para sair e trabalhar, alimentados, vestidos, higienicamente preparados.

Numa ideologia de "Rainha do lar", todo o sacrifício pelo seu "reino", o modelo de mulher útil ao capital e acima de tudo, ao homem é o da mãe dedicada, inteira sacrifício e disponibilidade, o que acaba por implicar na sua completa desvalorização profissional, política e intelectual.

*"Esta desvalorização é imensa porque parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada (grifos meus), de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido... Modelo vitoriano de comportamento feminino determinando suas opções e conduta" (Rago, 1987).*

No maior niilismo o discurso burguês ao estabelecer, de diferentes formas uma linha rígida de demarcação entre os sexos, dessexualiza a mulher. Os desejos, que impulsionam as buscas e as conquistas lhe são reprimidos, até sexualmente. O sexo está sempre ligado à idéia de procriação. E a manifestação do prazer acaba por se transformar num prazer do homem e para o homem.

A divisão sexual do trabalho, útil ao patriarcalismo e ao capitalismo, é de fato responsável pelo confinamento das mulheres em empregos de baixa qualificação e inferioridade, favorecendo o gênero masculino. Entretanto se as taxas de participação da mulher no trabalho incluíssem o trabalho doméstico e o de reprodução, o índice de ocupação feminina na força de trabalho apresentaria níveis provavelmente superiores ao masculino.

Mas segundo dados de Bruschini (1985) as estatísticas sobre a participação econômica feminina devem ser analisadas com extrema cautela pois, além de revelarem apenas a parcela não-doméstica da contribuição da mulher à sociedade tendem ainda a subestimá-la. Obliterando o trabalho feminino as fontes oficiais estão na verdade anulando a mulher como pessoa, trabalhadora, indivíduo social, responsável por tanta produção de trabalho e reprodução de trabalhadores.

Pertencer ao gênero feminino é submeter-se aos interesses de uma sociedade onde as oportunidades profissionais são dadas somente, com raríssimas exceções, ao gênero masculino, realizando os homens como indivíduos independentes e heróis "protetores" de: uma força

trabalhadora que trabalha em dobro para ser alguém e recebe ao meio para tornar-se ninguém.

Marx (1971) tinha portanto razão em considerar que as mulheres constituem, sem dúvida, a primeira classe explorada, sem espaço para se impor como indivíduo.

## **Z.Z Cidadania: exclusão**

O homem "pertence" a um espaço quando ele o constrói intelectual, profissional e politicamente.

*"Ser de um certo lugar não expressa vínculo de propriedade, mas uma rede de relações. É o que certas línguas, o inglês principalmente, traduzem com termos específicos como "belonging"<sup>2</sup> ... conteúdo espacial da existência humana" (Meneses, 1987).*

Ora, o homem é o que é num espaço realmente ocupado e não "legado". O homem não é um ser abstrato, ele tem que "brotar", criar raízes e é deste enraizamento que ele se inter-relaciona, se organiza, tendo e dando suporte à comunicação. Este espaço é que possibilitará o acesso à informação que dá ao homem a medida de sua ação, do seu trabalho, conferindo-lhe dignidade de ser intelectual, profissional e político.

Nas palavras de Meneses (1987), "político" diz respeito à "polis", à cidade, ao espaço ocupado, governado por seus cidadãos, à realização da cidadania. É o homem que faz a cidade e não o contrário, ela é um desejo do homem. Mas por ser o centro detentor do capital, a cidade acaba por exercer sobre o meio rural, o maior fetiche. O atrativo urbano, o

**2** Estar propriamente situado; estar "por inteiro", pertencer.

"tecido urbano" segundo Lefèbvre (1978) penetra no campo com sua sedução de desenvolvimento, sonhos e bem estar: água encanada, luz, o carro, a televisão, os bibelôs e os móveis modernos.

*"Na roça não tinha cinema, teatro. Então aparecia o circo. Eu passava debaixo do pano. Tinha aquelas bailarinas, eu ficava vidrada. Um dia eu tinha que conhecer aquelas mulheres, já na terra delas..." (Maria lima)*

"Desinformados" sobre modernização, bem estar, condições melhores de vida, os camponeses, freqüentemente pobres, mal adaptados na zona rural, despojados do espírito de construção e controle da própria vida, que caracterizam um homem politizado, migram para os grandes centros onde se concentra o capital. Estruturas agrárias inteiras se dissolvem. Sem poses, migrantes rurais afluem para as cidades buscando nelas subsistência e trabalho. Morre então a possibilidade de cidadania rural, com a implosão de espaços agrários e dá-se a explosão de cidades, num processo descontínuo e acelerado distanciando o homem de si mesmo, seu ponto de referência, seu enraizamento, sua dignidade junto às suas relações de uma "pólis" que ele deveria politizar.

E nesta leva de migrantes rurais que chegam estas empregadas domésticas. Paraopeba, Águas Formosas, Cruzeiro, Governador Valadares, Montes Claros, São Domingos do Prata, Taiobeiras, Corinto, Asa Branca, São Pedro do Suaçuí, Carlos Chagas, Cachoeiro, Bom Despacho, Pequi, Bambuí, Peçanha, Maranhão, Serro, Diamantina...

*"Lá no interior, a vida apertô pra gente, tive que vim tentar prá cá." (Maria)*

*"Cidade do interior, pequena, não tem serviço, paga menos..." (Ivany)*

*"A gente era pobre. Tinha dificuldade. Era para ajudar e até para ajudar aducar a gente" (Luzia)*

Levadas a migrar para os grandes centros onde se concentram o capital, criam um excedente de mão-de-obra em que o valor da força de trabalho é rebaixado e sua chama de crescimento apagada. Com baixíssima renda per capita não há consumo pela maioria e o capital se centraliza na mão de poucos.

A cidade de consumo, residência de dirigentes econômicos e políticos abriga então as reservas migratórias de mão-de-obra.

A indústria, o capital "toma a cidade de assalto". A mão-de-obra migrante passa a depender desta "polis industrial", e aí se amontoa atingindo desigualdades inquietantes. Forma-se o tripé: migrante, trabalho, favela, enquanto as domésticas formam o triângulo: migrante, trabalho, "quartinho do fundo".

A apropriação do espaço, o direito à cidade torna-se inatingível:

*"direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade" Lefebvre (1978).*

O direito à cidade não conquistado em sua totalidade é assumido aos pedaços formando urbanamente "ilhas de ruralidade".

Como já vimos, a mulher acostumada a submeter-se à autoridade do pai, do irmão e do marido, dentro da família, vai encontrar

*"transferida para o âmbito da fábrica (ou da "casa-de-família")<sup>3</sup>, a mesma estrutura de dominação que será usada para controlar o seu bom comportamento... acostumadas a obedecer, a serem submissas à autoridade paterna ou à autoridade do marido. E a própria mulher se define como incapaz para comandar, para organizar o trabalho, expressando ideologicamente a situação de dominação, vivida no lar e na sociedade". (Neves, 1983)*

Entre o exercício da cidadania e a subordinação constante às normas e regras sociais a distância parece intransponível.

Vivemos uma sociedade policrática e não monocrática. Não é apenas o estado que detém o poder que reflete sobre os cidadãos: manda o governo, manda a família patriarcal, manda o patrão, manda o militar, manda o banqueiro, mandam as convenções sociais que determinam à mulher uma posição subalterna. Não somos uma sociedade democrática, como bem diz Bobbio (1987), mas um conjunto de várias oligarquias *"areias movediças de pluralismo"*.

E o poder que oprime os pobres, é o poder masculino, a mulher não é o governo, não é o patrão, nem o militar, nem o banqueiro. Pobre e além do mais, mulher, ela é duplamente submetida às forças burguesas. Buscando seu espaço na cidade, achando que rompeu com as elites latifundiárias não percebe que as burguesias empresariais, e interesses políticos e militares nacionais, nunca, em momento algum, romperam com estas elites.

Muda-se o "locus" mas o homem pobre, trabalhador permanece ilhado por estas camadas burguesas que se beneficiam com os baixos custos que têm com a mão-de-obra. Assim o circuito renda-consumo se realiza por uma minoria impedindo o crescimento e desenvolvimento político de uma maioria (Castells, 1991).

<sup>3</sup> Complementação minha.

Segundo Bobbio (1987), o que se realiza é o poder burocrático, exercido de cima para baixo, que arrasa com o poder político do indivíduo impedindo-o de se realizar como cidadão em todos os níveis: local, regional, estatal em nome dele, cidadão e da maioria, pelo bem estar social.

Mas como alcançar este poder político, esta representatividade política? Representatividade política sim, pois como diz Bobbio (1987), citando Rousseau:

*"...literalmente a participação de todos os cidadãos em todas as decisões a eles pertinentes é proposta insensata (...) todos participando de tudo é impossível.*

Só mesmo pela democracia, definida aqui por Bobbio (1987):

*"conjunto de regras de procedimento para a formação de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada a participação mais amp/a possível dos interessados."*

Que caminhos nos levariam a esta constante reprodução de cidadãos? A democracia, princípio de igualdade de direitos de participação social só modela a cidadania se for integrada aos costumes e necessidades do povo que a constrói.

É o povo que faz a democracia e não o contrário. Não é uma promessa política ou de políticos, mas o poder político do povo que a realiza.

*"... somente a educação dos cidadãos enquanto cidadãos pode dar um conteúdo substantivo de valor ao 'espaço público'" (Arendt, 1989).*

É necessário uma educação política, principalmente quando se leva em conta a imensidão de nosso território, as inúmeras "polis" e a diversidade de grupos ainda desorganizados, sem representatividade. Faz-se obrigatório o reconhecimento da necessidade de instituições e práticas associadas a um ideal de "democracia política" em torno de eleições periódicas, pluralismo partidário, liberdade de organização sindical, imprensa livre e controle institucionalizado do poder em todos os níveis. É levar o nosso povo a

*"tornar-se consciente de que a pólis é também você e que seu destino depende também de sua opinião, comportamento e decisões; em outras palavras é a participação na vida política." (Castoriadis, 1986).*

Este poder burocrático que permanece a longo período em nosso país tem como garantia do sucesso de sua permanência a apatia política dos nossos cidadãos. Mas esta apatia não significa "desinteresse". Forçado a submeter-se às exigências das práticas oligárquicas o povo se torna, segundo Maria Vitória Benevides (1991) *"vulnerável aos grupos de pressão e influenciável pelos 'super organizados'"*.

Como "ilhas de ruralidade" em meio ao oceano da cidade, ficam como barcos à deriva. Não se organizam, não se agrupam, não se fazem representar. E quem poderia representar um povo? O próprio povo imbuído de conhecimento. E o nosso povo é tão desescolarizado, tão sem informação... *"A gente não tem escolha. Falta estudo. Ou vai ser empregada de família, ou puta"* (Aparecida).

Não há desinteresse e sim desinformação.

A mídia informacional só lembra do povo em época de eleições. Como saber votar às vésperas das eleições. Como escolher realmente e não ser escolhido? Como se fazer representar? Benevides, (1991), citando uma expressão de Euclides da Cunha, chama nosso sistema sócio-político de "feudalismo achamboado" por ter sempre se firmado na crueldade de estabelecer desigualdades. E vai além explicando:

*"Desigualdade fundada não na estirpe (afinal nossa "aristocracia" jamais teve reconhecidas origens históricas), mas na propriedade, no grande domínio rural que não pode subsistir sem a escravidão e vice-versa. A abolição da escravidão não introduziu o princípio da igualdade nas relações sociais e econômicas. Ao contrário, a dominação rural transportou-se para as cidades, passando a permear todas as relações sociais, econômicas, políticas e culturais". (Benevides, 1991)*

Nosso cidadão não educado ou mal-educado não tem como perceber a sobrevivência deste poder oligárquico, tantas vezes invisível, que o induz a levantar igual pelas madrugadas, a comer igualmente mal, a vender sua força de trabalho por um salário tão baixo, a não se educar, e a trabalhar e trabalhar tanto como outros co-cidadãos, que não pode pensar. O trabalho manual e repetitivo desvincula-se do intelectual, matéria-prima básica da formação do cidadão (Neves, 1983). É um inconsciente adormecido pelo cansaço e a rotina. Mas por quanto tempo? **É possível a sobrevivência de um estado democrático numa sociedade não democrática?** Afinal o que ouvimos a todo momento é que estamos vivendo uma democracia...

É preciso que a democracia deste país seja mais pluralista e que a sua característica fundamental seja a igualdade de liberdade de direitos, de escolhas, de decisões, de participação, de competitividade. De-

mocracia que Bobbio (1987) define como dissenso ao citar as idéias de Franco Alberoni:

*"Democracia quer dizer dissenso. Não é consenso "A democracia é um sistema político que pressupõe o dissenso. Ela requer o consenso apenas sobre um único ponto: sobre as regras da competição... ". "*

E somente numa sociedade pluralista o dissenso é possível: grupos diferentes, idéias e necessidades diferentes tendo o bem estar por consenso. O cidadão se apropria de sua cidade. Escolhe. Decide. "Não se resigna com o pior, nem se ilude com o 'melhor'".

Cidadania ativa é como diz o termo da língua inglesa "belonging", é pertencer. É não excluir-se por estar excluído.

O caminho da cidadania entre nós brasileiros ainda é longo. O das mulheres-cidadãs é ainda mais difícil, há que vencer a subordinação do gênero e a exclusão como ser político, como cidadã. Mais do que qualquer forma política precisamos neste país é de democracia plena, mudança de costumes e "mentalidades" em uma sociedade

*"marcada pela experiência do mando e do favor, da exclusão e do privilégio. A expectativa de mudança existe e se manifesta na exigência de direitos e de cidadania ativa; o que se traduz, também, em exigências por maior participação política " (Benevides, 1991)*

obtida pelo acesso à informação. Só um ser educado e informado pode ser político e ter direito à cidade, à cidadania.

### 2.3 A Informação Rarefeita

O novo modelo de desenvolvimento, já implementado no primeiro mundo, é informacional. As tele-comunicações são a chave-vetora para a total difusão e utilização da informação e das novas tecnologias advindas dela.

A economia se adapta a um novo modelo, o informacional que age como processo de reestruturação do modo capitalista de produção, relacionando o produto à experiência e poder. O trabalho se reproduz não só através dos meios de produção mas numa interação com as instituições sociais e seu suporte tecnológico. Assim a sociedade exprime uma reunião de modo de produção, modo de desenvolvimento, experiência, poder e cultura.

O novo paradigma tecnológico e econômico é a informação significando ao mesmo tempo matéria-prima e produto de desenvolvimento. Segundo Castells (1991) o papel predominante desta "nova informação" que ele também chama de "informação tecnológica", é estabelecer relações entre cultura social, conhecimento científico e o desenvolvimento das forças produtivas. Este paradigma informacional-tecnológico, numa visão marxista, provoca a interação entre o sistema social e a força de trabalho. Sociedade, produção e espaço se interrelacionam tendo as novas tecnologias informacionais como instrumento fundamental desta interação. A informação interfere na sociedade modificando-a em seu tempo, movimento, espaço. A redução espacial possibilita, em ritmo descontínuo, os deslocamentos de população levando também aos meios rurais a informação do "bem estar". O novo paradigma tecnológico contribui para o aumento da capacidade produtiva das horas de trabalho, comando, eficiência e **experiência** e excluindo ainda mais o trabalhador não qualificado.

Nas grandes cidades, onde se localizam as classes dirigentes, os meios de comunicação se concentram centralizando o capital, os meios de produção e como não poderia deixar de ser, a informação. A modernização ocorre aqui, simultaneamente ao primeiro mundo, porém só atingindo a uma parcela mínima da população.

O conceito de informação trabalhado por EGGERT (1992) demonstra que ela só existe se houver uma ação de comunicação e que esta comunicação é compartilhada *"compartilhamento de informações"* *"numa relação direta entre pessoas ou intermediadas pelos inúmeros aparelhos que o desenvolvimento da tecnologia possibilitou"* (Andrade, 1990).

A comunicação é o resultado de uma ação socializadora que se concretiza pela capacidade dos homens de estabelecerem uma identidade entre si.

Por identidade entendemos, a partir do conceito de Meneses (1987) como o que implica em semelhança a si próprio, a partir de uma condição de vida psíquica e social. Está assim muito mais próxima do "re-conhecimento" que do conhecimento. A busca de uma identidade pressupõe então conhecimentos prévios.

Se a informação é o novo paradigma de desenvolvimento e se o "desenvolvimento" visa o bem estar social, de que forma a informação poderia ser utilizada para ajudar ao homem nesta busca do conhecimento através do "reconhecimento", da identificação tão necessária à formação da sua individualidade, que ele vê relacionada à individualidade do outro?

À medida que o mundo se "desenvolve" o que se percebe é que o homem está perdendo esta identidade que o individualiza. Há uma uniformização dos homens em massa.

Em Horkheimer, Adorno (1978) o texto é muito claro

quando diz:

*"Seja qual for a espécie de indivíduos que compõem a multidão, por semelhantes ou díspares que possam ser seus modos de vida, suas ocupações, caráter e inteligência, o simples fato de estarem transformados em massa dota-os de uma espécie de alma coletiva, em virtude da qual sentem, pensam e atuam de um modo inteiramente distinto ao que cada um deles, separado dos outros, sentiria, pensaria ou falaria."*

O indivíduo deixa de possuir um eu, ele passa a ser um autômato destituído de vontade própria.

Cabe uma indagação. Será que o ser que se comunica, que se informa e informa ao estar integrado no seu ambiente, também se massifica?

O que transforma os seres em massa e determina uma informação específica para esta "massa". Informação de massa, Comunicação de massa...

Bosi, E. (1991) localiza a sociedade industrial do século XX como o "contexto privilegiado da comunicação de massa" tendo como traço definidor "a democratização da informação".

"Democratização da informação" em oposição ao elitismo do termo "cultura" acessível no século XIX somente à nobreza e alta burguesia.

Ao dizer que a cultura se democratizou a autora questiona se os meios de comunicação de massa estariam "servindo satisfatoriamente à cultura popular", se estariam contribuindo para o crescimento das pessoas, do povo, ou não, estando assim cumprindo sua função, ou se estariam em disfunção" no atendimento das necessidades deste povo.

A T.V., o rádio, o cinema, os jornais, as revistas, os livros de bolso, meios de comunicação de massa, estariam democraticamente difundindo informações numa linguagem acessível a todos?

Benevides (1991) cita em seu trabalho sobre cidadania, dados colhidos pelo IBGE em 1989 numa pesquisa sobre o eleitorado brasileiro.

A pesquisa levantou dados sobre os 83 milhões de eleitores inscritos. Os dados importantes para este trabalho são os seguintes:

77% moradores de centros urbanos;

67% eram empregados;

90% não eram sindicalizados;

75% recebiam menos que dois salários-mínimos;

70% de faixa etária abaixo de 45 anos;

30% eram de analfabetos;

20% desconheciam o nome do presidente em exercício

(Sarney).

Fica evidente que não somos um estado democrático.

Estes dados são decisivos para reforçar a grande necessidade de informação e educação, evidenciando o quanto a nossa sociedade chamada "democrática" é marcada por relações assimétricas.

Esta pesquisa mostra claramente a imensa parcela de população brasileira que se encontra "desorganizada" ou sem identidade, devido a existência de uma cultura ainda elitizante atendendo principalmente à minorias burguesas.

O que significa para esta mesma população a enorme gama de enunciados que os rodeiam através dos meios de comunicação?

Bosi (1991) diz que

*"A chave dos significados não está, pois, nos meios de comunicação, mas na estrutura da sociedade que criou estes meios e que os tornou significantes. É a sociedade que significa."*

Segundo ela a comunicação de idéias e sentimentos não se fa<sup>l</sup> no vazio, no abstrato. São vários fatores da comunicação operando interligados, numa composição sistêmica. A este sistema chamamos de indústria cultural. Indústria no que se refere à produção de bens e cultural quanto ao tipo de bens produzidos.

Nos deparamos outra vez com a sociedade de consumo. Consumo de bens, consumo de cultura. Mercadeja-se cultura. Segundo Morin (1961) citado por Bosi, E. (1991) a indústria cultural domina a inteligência, a vontade, o sentimento e a imaginação de centenas de milhares de seres humanos que vêem cinema, ouvem rádio, vêem ou ouvem televisão. No passado o homem foi colonizado, agora é a sua alma que o está sendo.

A idéia colocada por estes autores de "colonização" remete-nos, mais uma vez às categorias mais comuns: autoritarismo, força, poder. Por detrás desta indústria cultural, ou informacional mais uma vez nos deparamos com a presença incômoda da dominação. A sociedade que significa é a sociedade dominante, a indústria cultural é a realização da cultura dominante. Segundo Marilena Chauí (1981)

*"é o autoritarismo invisível que faz do povo massa atemorizada pelo pavor do a-social e do detrito, isto é, de ser excluído do mundo humano por falta de competência (leia-se informação)."*

E di<sub>2</sub> ainda...

*"Se enquanto "maior", o dominante é representado como um senhor, enquanto detentor do saber tende a ser representado como "melhor". A diferença então fica dada, pela própria fala do dominado: fica mais nítida que o "rico " é aquele que tem leitura.*

Nas minhas entrevistas, quando perguntadas sobre a melhor fonte de informação, muitas citaram o patrão<sup>4</sup>. O saber, a leitura em oposição ao "falta estudo" legitima a superioridade do outro.

*"Eu pergunto para o meu patrão porque ele é uma pessoa muito esclarecida. Uma pessoa de comunicação muito fácil. Ele é engenheiro civil..." (Maria de Fátima)*

É importante notar que em seu trabalho é com a patroa que a doméstica se relaciona no dia a dia. Mas na hora de procurar uma informação que ela seleciona como mais importante, "mais difícil" é ao patrão que ela recorre. É a legitimação da classe dominante representada pela figura masculina.

A informação apresenta um padrão de comunicação. Mais do que informar e convencer é preciso encantar o cidadão. É aí que entram os artifícios industriais: a voz de veludo, o ar de segurança dos "bem nascidos" assentados num lindo sofá azul... que Chauí (1981) explicita:

*"... a dominação surge menos em sua forma "clássica" de relação entre homens enquanto sujeitos sociais e políticos e muito mais sob a forma impessoal de uma razão inscrita nas próprias coisas. Não há sujeitos sociais e políticos mas objetos sócio-políticos."*

<sup>4</sup> Estes dados serão mostrados no tópico 4.2.

É a informação produzindo "efeitos" no maior número de consumidores. E só se produz efeitos onde o crescimento não está introjetado. Na verdade a informação aí comunicada não desperta o aspecto cognitivo nas pessoas e sim os seus sentimentos: comunica-se paixão, ódio, vingança, vitórias, violência, sexo. Tudo que conduza à emoção e não à participação ou dúvida. É a identificação pelo comportamento e não pelo conhecimento. O homem explorado em sua força no trabalho sofre uma exploração dos sentimentos afetivos no lazer.

A informação que chega às pessoas através dos meios de comunicação não é a do conhecimento do mundo e sim a do sub-mundo do conhecimento. A "paixão de conhecer o mundo" escolhido, selecionado lhe é tirada. Podemos transportar para os nossos adultos, tratados menos que infantilmente, as palavras de Freire (1981). Elas "caem" bem.

*"Quando se tira de uma criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade se está, alienando-o da sua capacidade de construir seu conhecimento. Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir e eu não posso comer ou dormir por alguém."*

Na necessidade de dar sentido ao mundo que o rodeia o homem busca explicações, mas a compreensão e decodificação dos novos dados, "o manejo da ambiguidade e incongruência" dependerá do grau de complexidade de suas estruturas cognitivas que por sua vez dependerão do grau de oportunidades sociais, que o ambiente proporcionou no passado para o desenvolvimento das diferentes áreas desta estrutura cognitiva (Rodrigues, 1978).

A informação que a "sociedade" codifica através dos melhores filmes, melhores leituras, melhores programas de rádio e T.V.

tornam-se "fragmentos de universo tão distante" de suas experiências, em geral domésticas, que impedem o processamento destas informações (Rodrigues, 1978).

Como funcionaria então a indústria cultural para a manutenção de milhões de telespectadores, ouvintes, leitores, "comunicadores" das informações produzidas?

Segundo Bosi, E. (1991) ela manipula ilusões, repetindo lugares-comuns da ideologia corrente. Nietzsche, citado por Bosi (1991), fala ainda destes lugares-comuns do jornalismo que *"acaricia as fraquezas das massas, a curiosidade, o sensualismo mórbido, ou, noutro extremo, a hipocrisia morai e política"*

Em lugar de autonomia e consciência, para a escolha da informação necessária, alimenta-se o conformismo, e a apatia do consumo de mensagens "prontas".

Arendt (1989) polemiza que o que se extrai da cultura de massa não é a informação, por inteiro, mas rarefeita pela divulgação que ela diz ser

*"a incorporação da pessoa em um sistema onde não há lugar para a criatividade, onde ela nada pode realizar por si própria, mas apenas consumir e competir. "*

E é aí que a ideologia vigente, autoritária age. O consumidor não mais pode criar e formar sua identidade. E Arendt (1989) observa ainda *"a principal característica do homem de massa não é o empacotamento nem o atraso, mas sua falta de relações sociais normais"*.

O sistema de valores imposto torna-se então o responsável pelo bloqueio cognitivo. Como diz Marx, em O Capital, no lugar de uma relação social entre homens se estabelece uma relação entre coisas.

Formar ou não um universo cognitivo novo, ultrapassar os conhecimentos das experiências domésticas vai depender então das solicitações e possibilidades geradas pelo ambiente. No desejo de conhecer coisas que lhe são importantes nossos cidadãos não conseguem obter respostas exatas e logicamente encadeadas, como diz Neves (1983) pois a realidade é "*permeada de contradições e conflitos*". É a sociedade bloqueando a busca do conhecimento.

Sem possibilidades de "Belonging" no trabalho, onde a criatividade fica empatada pelos movimentos monótonos e repetitivos; rarefeitas as chances de buscar, de desejar informações que mais que um lugar, lhe darão vivência, o homem sem espaço faz do seu tempo livre uma busca de individualidade espacial. Sem direito à cidade, se enraiza em pedaços dela, na organização de pagodes e bailes na busca de excitações dadas pelos sons, bebida e sexo, subterfúgios de um derradeiro sentimento de vivência/prazer e compensação.

Repetidas vezes, ao desejar e buscar informações o homem do povo se depara com a desinformação ou com pedaços de informação que se esgarça, se rarefaz.

Neutralizando os conflitos, mascarando as contradições, a informação é servida em doses anestésicas.

Preocupados com esta questão Bosi (1983) e Meneses (1987) destacaram a importância da recuperação da memória. Ao recuperarmos a memória verdadeiramente "social", as "pedras da cidade" por onde passam os pés, e não só os automóveis, estamos recuperando a memória, quase perdida, deste povo cuja identidade é o suporte fundamental. Na definição de Meneses, a memória é o

*"mecanismo de retenção de informação, conhecimento, experiência, quer em nível individual quer social e, por isso mesmo, é eixo de atribuições, que articula, categoriza os aspectos multiformes de realidade, dando-lhes lógica e inteligibilidade".*

Um anti-anestésico dos conflitos e contradições, se assim podemos chamá-la.

A memória determina as individualidades e as identificações coletivas, personifica. A verdadeira memória coletiva é diferente do que Bosi chama de "memória hábito" e Menezes de "memória artificial". Induzida ou forjada esta apresenta o pólo oposto da História, o do adestramento cultural, não representa movimentos sociais espontâneos e sim, "gestos sociais cotidianos" revelando um passado social formalizado, modelo de valores e ações instituídos pelos valores e ações dominantes.

E a classe dominante, criadora e possibilitadora da indústria cultural reprime e enfraquece a percepção do que é a atividade humana e social, aquela que "fez e pode refazer a sociedade" levando a grande maioria a sempre esquecer. No esquecimento, a memória social se apaga e com ela o conhecimento da dimensão temporal do homem. Ela fica lá, num tempo perdido, ou invadido pela prepotência, pelo poder.

*"Exilar a memória no passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória, não há presente humano, nem tampouco futuro. Em outras palavras; a memória gira em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança. Se não houver mudança será sempre fator de alienação e desagregação, pois inexistiria uma plataforma de referência, e cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho do passado extasiado para o vazio do futuro. É a memória que funciona como instrumento biológico-cultural da identidade, conservação, desenvolvimento, que torna legível o fluxo dos acontecimentos" (Menezes, 1987:185).*

"Sem relações sociais normais" os bloqueios para obtenção da informação são inúmeros: o cognitivo, o do "lembrar" convertido no esquecimento e o do tempo.

O "tempo livre", aquele que "sobra" do trabalho, o que deveria ser do lazer, é somente um tempo a mais gasto com "produtos" que levam ao consumo ou é muitas vezes invadido pela prepotência "gentil" da autoridade.

*"Quer dizer, tempo pra ter eu tenho e não tenho. É um tempo invadido. Às vezes, Já são dez horas da noite, eu estou no meu quarto lendo qualquer coisinha, a minha patroa entra:*

*- Cida, faz pra mim um cafezinho?...*

*Eia pede de um jeito que não tem como negar. Aí a leitura vai e fica... (Aparecida)*

Segundo Castells (1991) a tendência atual tecno-informacional é de ilhar o indivíduo, mas a tendência cultural pode ser outra...

Importante seria então a ampliação de espaços de sociabilidade e ação. Espaços de ação conduzida pela informação integradora, plena, aquela que elucida, que dá a verdadeira dimensão do momento, do tempo. Aquela que aponta os limites, os obstáculos, os conflitos e as pedras dos caminhos da cidade para superá-los.

Os movimentos sociais, as instituições representativas das necessidades e desejos do povo operam como fontes populares de informação propulsoras, talvez de uma nova dinâmica social, de uma redefinição da sociedade.

A manipulação das massas humanas pela demagogia política, que autoriza aos meios de comunicação de massa, a persuasão e transmissão cultural dando à esta indústria o poder de bloquear o conhe-

cimento e instaurar o consumo, só será inibida pela criatividade na seleção das informações realmente necessárias a estas "massas".

A informação rarefeita, aos pedaços, é informação de consumo e tudo que ela permeia, degenera e é obliterado.

### **3 DOMÉSTICA: A MULHER QUE TRABALHA, SEMPRE**

O trabalho é a presença mais forte na vida destas mulheres. É a sua infância, a sobrevivência, o projeto de futuro. É pelo prisma do trabalho que estas mulheres se colocam ou se escondem, participam ou se omitem e buscam informar-se.

### 3.1 Desmistificando a Mística Feminina

Elaborada em meados do século passado, a representação simbólica da mulher no imaginário burguês, atravessou o século e ainda se faz presente nos nossos dias. É o modelo de mulher frágil e dedicada, dócil e compreensiva, feliz em sua submissão ao sexo forte, que a protege e ampara. Resignada, rainha do lar, sempre lembrada nos segundos domingos de maio, veste a coroa da esposa, mãe, filha e irmã, enfim, dona-de-casa afetiva e assexuada.

Estes sentimentos afetivos, esta mística feminina tão bem explorada pela família é também absorvida pelo sistema capitalista de produção que, incapaz de absorver a mão-de-obra potencial representada por todos os membros da sociedade, lança mão desses valores familiares mobilizando um grande contingente de mão-de-obra feminina, o que representa a absorção de uma mão-de-obra quase gratuita.

Dócil, a mulher aceita salários menores, tarefas humilhantes e desqualificadas, o trabalho não como realização, mas como complementação do trabalho masculino. Do homem, uma costela, um cuidado, um serviço de manutenção: a comida na mesa, a cama feita, a roupa limpa, e os filhos cuidados e carinhosamente afastados para o quintal, para o "play", para não incomodarem.

Ao ser incorporada ao mercado formal de trabalho, dela é esperada a mesma docilidade, a "mística feminina" da submissão. O tra-

balho feminino, visto como provisório e não como via de objetivação da mulher, demonstra claramente o movimento social construído pela sociedade industrializada. Diante das necessidades competitivas do sistema, valores sociais são implantados de forma tão natural, sempre garantidos por um discurso de harmonia e bem estar, que a própria sociedade reelabora estes valores como se a própria sociedade, objetivamente, os tivesse elaborado e se torna incapaz de justificar as razões da permanência feminina nesta forma provisória de trabalho.

Esta misteriosa aceitação social da mistificação, da submissão feminina e as "escolhas" profissionais das mulheres são questionadas por autores importantes como Éclea Bosi, Magda Neves, Maria Vitória Pena, Arackcy Rodrigues, Heleieth Saffioti.

Mística ou forma simplista de socialização feminina justificariam um comportamento passivo e ao mesmo tempo romântico por parte das mulheres. Sonhar com o casamento, com um marido que a sustente e a proteja deveria ser seu maior objetivo.

A mística feminina não atinge a todas as camadas da sociedade, nem do mesmo modo, nem com a mesma intensidade. Mulheres intelectualizadas ou com grande especialização profissional escapam a seus efeitos.

Esta passividade que caracteriza um contingente expressivo de mão-de-obra feminina é segundo Bosi (1991) efeito expressivo do sentimento de exclusão sofrido pela divisão sexual de funções sociais e profissionais.

*"Esta passividade é o oposto da participação: uma isola, a outra cria laços, uma é fuga, a outra perseguição de um fim; uma se abre sobre o vazio, a outra é orientada. "*

Entretanto como esta mesma autora diz (1983), é impossível encontrar algum sentimento de revolta nessas figuras de sacrifício e exploração "*eu sou a alegria da festa dos outros*" diz D. Risoleta no livro sobre Memória de Velhos, de Ecléa, ao se referir ao seu trabalho de cozinheira, fazendo as festas, os banquetes para a família para quem trabalhava (1983).

Se realmente existe liberdade de escolhas e se não existe nenhum reconhecimento formal, de restrições impostas pela sociedade à mulher que limitem sua liberdade de fazer suas próprias decisões, questão levantada por Pena (1981), por quais razões ela não se submete a treinamentos profissionais e, na maioria das vezes, incorpora-se à categorias profissionais que não lhe oferecem nenhuma habilidade no mercado de trabalho?

As decisões "inexplicáveis" das mulheres de se tornarem professoras, enfermeiras e secretárias, ao invés de cientistas, médicas ou executivas são apenas tratadas como questão de gosto ou o que é pior, feminilidade...

Neves (1983) pode nos esclarecer sobre este "gosto", esta "feminilidade". A divisão capitalista operada no domínio do trabalho entre mão-de-obra especializada ou intelectualizada e trabalhadores manuais; ou entre administração e produção, é uma técnica de dominação que a torna legítima como pré-requisito da produtividade. E é em nome desta mesma produtividade que as mulheres ocupam profissional e socialmente uma hierarquia mais baixa, piores condições salariais, funções de dualidade como trabalhadoras formalmente mal assalariadas e informalmente, mão-de-obra gratuita do "lar".

Se por um lado certas profissões são consideradas próprias ou "mais adequadas" para as mulheres, a confluência de várias delas

para residências exercendo a função de empregadas domésticas não passa por esta mística da adequação profissional feminina.

São fatores de ordem material *"a gente precisava trabalhar de qualquer jeito, para ajudar em casa"*, ou de ordem simbólica: necessidade de um mercado que absorve qualquer pessoa do sexo, sem qualificação. A experiência exigida é a da domesticidade do lar. *"Lavar, passar, cozinhar, parece que as mulheres nascem sabendo"* (Eliene).

Ser doméstica, para muitas mulheres, é não ter profissão. É um estigma de pobreza e de ignorância. *"É ruim ser empregada, mas não é porque a gente é mulher, não. É ruim ser lixeiro também. O errado é não ter estudo e ser tão pobre..."* (Aparecida).

Talvez o que as difere dos homens, no que se refere ao trabalho doméstico é que a etapa de transição casa/trabalho não fica nitidamente estabelecida. Não existe uma separação nítida do momento em que saem do serviço de casa, não remunerado, para a condição de domésticas assalariadas, o que reduz também a ampliação do seu círculo de sociabilidade. Assim a restrição ao mundo doméstico é que vem agravar sua condição de subalternas. Dayrell (1989) e Saffioti (1978) afirmam que nos países sub-desenvolvidos a mística feminina penetrou de tal forma nas mulheres que a maioria abandona sua profissão depois que se casam, com a desculpa do cuidado do lar e dos filhos. Dizem ainda que é o medo do fracasso, pela mistificação da incompetência, que reduz as aspirações e o ímpeto de realizar permitindo a sua integração nos campos profissionais mais desqualificados, julgados próprios às características do seu sexo.

Entretanto o que pude observar pelas entrevistas feitas é que há uma consciência muito grande, por parte das empregadas domésticas que a falta de melhores chances profissionais é devida à sua baixa escolaridade. A falta de estudo, segundo elas, dificulta até o ingresso em

profissões também pouco qualificadas como a de balconista, "caixa" no comércio ou auxiliar de enfermagem.

Pela "história de vida" de nossas entrevistadas percebe-se que o trabalho doméstico não pode ser considerado a mais completa significação da opressão da mulher, é antes uma forma de ter garantida a sua independência. No próximo capítulo, com a enunciação dos dados, isto ficará muito claro.

O que já podemos elucidar é que assumindo a categoria de assalariadas, desde muito cedo, adquirem com este salário, mesmo baixo, uma independência que as faz contar só com elas mesmas nos projetos futuros. O casamento como determinação de crescimento ou de melhoria de qualidade de vida não apareceu como objetivo ou desejo em nenhuma de nossas entrevistadas, com uma única exceção, como será visto oportunamente.

Até mesmo o autoritarismo paterno, muitas vezes violento, antes encarado como direito natural da autoridade, é visto como opressão e solucionado com a fuga do lar, mesmo com pouca idade.

*"Meu pai me surrava muito, quis até, uma vez, me sangrar com faca, aquilo me deu uma revoitação daquele direito que ele queria ter na minha vida e eu fugi, nunca mais voltei. As veis vem gente de lá, umas colegas minhas e diz que ele e minha mãe quer me vê, mas eu fico pensando e não vou não. " (Beatriz).*

*"Eu apanhei até. Fui queimada de ferro-de-brasa e tive este osso aqui da perna quebrado. Mas não sou revoltada não. Saí logo de lá e fui trabalhar com gente que me tratou muito bem. Não tenho revolta. Tenho é pena. Gente ruim assim deve é sofrer muito. Melhor é Deus ter-me feito como eu sou, sem revolta. Sou mais feliz... (Isabel)*

Ao invés de subserviência, rebeldia, ressentimento ou desamparo o que se vê nestes relatos é a valorização da liberdade e a elaboração da experiência de independência que em ambos os casos começou muito cedo, aos 8 anos para Beatriz e aos doze para Isabel.

A feminilidade e a afetividade, traços presentes nas características das empregadas entrevistadas não devem ser confundidos com subordinação ou aceitação passiva da exclusão social sofrida por elas.

Não há queixas contra os homens, nem lamúrias do seu sofrimento. Frases comuns encontradas por Freitag (1988), Bruschini (1985), como "sou muito infeliz", "meu marido não deixa", "fui proibida" não apareceram nesta pesquisa. Ao contrário, a clareza do conhecimento da opressão sofrida através do governo, da sociedade, aparece na frase mais constante: "Não tive estudo"; "Só pude fazer o primário porque vim prá cá"; "O governo não faz escola pra todo mundo a gente tem que ser doméstica"; "Só com o primeiro grau é difícil de chegar a uma profissão melhor".

Conscientes que são elas mesmas os vetores de sua própria existência vêem o trabalho, mesmo doméstico, e o curso noturno, um curso de especialização como o meio de vencer o estigma da pobreza social.

Desmistificando a mística feminina, estas mulheres nada têm de dóceis e maleáveis e sim de conscientes. Desejam uma profissão de respeito ao invés do casamento. À exceção das empregadas sindicalizadas<sup>5</sup> sabem que continuarão domésticas, mas não por muito tempo.

Nas falas destas mulheres o que se escuta é uma conscientização que desmistifica a elaboração de ideologias sobre o seu com-

<sup>5</sup> As empregadas sindicalizadas estão completamente felizes com a profissão, como será visto pelos resultados desta pesquisa no capítulo 4.

portamento submisso. Há até uma crítica à mentalidade masculina que ao se deixar levar por mecanismos de defesa "machistas" se distanciam da realidade e das próprias mulheres.

*"Os homens são muito machistas. E/es querem fazer que sabem sem perguntar. As mulheres quer sempre tirar as dúvidas e homem não sabe e não quer dar o braço a torcer que não sabem. Não perguntam. Não querem saber dessas coisas sobre mulheres, também quando quiserem (dá uma risada) a gente já dominou o mundo" (Fátima).*

A mistificação se dá nas consciências, seja feminina ou masculina, é característica dos problemas sociais criados pelos sistemas que têm interesse em reproduzir uma mão-de-obra barata. Nossas domésticas começam a se libertar dela...

### **3.2 Na reserva do exército-de-reserva**

Os países periféricos fazem parte do sistema capitalista mundial sem apresentarem as mesmas manifestações de desenvolvimento e igualdade social. O caráter periférico não é apenas um determinante de sua dinâmica econômica. Não se deve entretanto ficar paralisado na teoria do terceiro mundo, culpando só ao imperialismo pelas discrepâncias sociais em que vivemos. Ao atribuímos ao imperialismo do primeiro mundo o nosso fracasso econômico e social, estamos nos desviando da intrincada dinâmica política dos sistemas dos países em desenvolvimento, que optam pela forma de acumulação centralizada.

A massa crescente da população rural, excedente de uma agricultura falida, é levada a migrar para os grandes centros onde se con-

centra o capital, criando um excedente de mão-de-obra onde o valor da força de trabalho é rebaixado.

O custo e o investimento sobre a classe trabalhadora é mínimo. Sem educação que acompanhe este "desenvolvimento" a classe trabalhadora se vê impossibilitada de participar, de forma integrada, deste sistema que para acompanhar o avanço tecnológico do primeiro mundo necessita de pessoas educadas e especializadas para a execução de um trabalho diversificado, flexível e informatizado.

Coincidindo com esta evolução técnico-científica o capital também utiliza do conhecimento científico, das bases estatísticas para transformar, de forma mais rápida, a força de trabalho, em lucro. Assim o sistema capitalista, aqui implantado, produz um imenso contingente de excedente de mão-de-obra que é utilizada e absorvida pelo capital, assegurado pelo monopólio que este tem sobre a sociedade na distribuição desigual de riquezas.

A pobreza forma uma imensa massa de trabalhadores, homogênea no que diz respeito à falta de qualificação profissional, baixos salários e troca da força de trabalho pela simples subsistência.

Braverman (1981) considera esta classe a parte animada do capital que faz brotar dele seu valor excedente constituindo, antes de tudo, matéria-prima para a exploração, e diz mais *"acompanhando o curso do capital acompanhamos os atalhos pelos quais ele arrastou o trabalho*

Meio-expediente, ausência de seguro social, não pagamento de horas-extras, contrato por tarefa (sem vínculo empregatício), formas "não-capitalistas" de atividade econômica, não são eliminadas pelo capitalismo pois servem, como forma barata de absorção nos momentos de prosperidade econômica e são mais fáceis de serem repelidas nas crises, sem caracterizar o desemprego. Por desemprego entende-se apenas a

parte contada oficialmente do excedente relativo da população trabalhadora necessária para a acumulação do capital e que por sua vez é produzida por ele.

A esta outra população excedente, caracterizada pela desqualificação do trabalho e não computada oficialmente é que Marx chamou de Exército-industrial-de-reserva e que chamaremos somente de exército de reserva por ser utilizada, aqui, não só pelos setores industriais.

*"Quanto maiores a riqueza social, o capital em função, a dimensão e energia de seu crescimento e conseqüentemente a magnitude absoluta do proletariado e da força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível é ampliada pelas mesmas causas que aumentam a força expansiva do capital. A magnitude relativa do exército industrial de reserva cresce portanto com as potências da riqueza, mas, quanto maior esse exército de reserva em relação ao exército ativo, tanto maior a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do suplício do seu trabalho. E ainda, quanto maiores essa camada de lázaros da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior, usando-se a terminologia oficial, o pauperismo. Esta é a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista" (Marx, 1971)*

O que Marx argumenta com esta definição do exército de reserva é que esta enorme população trabalhadora produz os meios pelos quais torna-se superpopulação supérflua contribuindo assim para a auto-expansão do capitalismo ao se caracterizar não como trabalhadores mas como matéria-prima, pronta para ser "usada" e explorada.

Não caracterizando desemprego, pronta para ser absorvida ou expulsa da produção em momentos de expansão ou crise ela se torna também um elemento de competição para o "exército ativo" depreciando assim o nível dos salários.

O exército industrial de reserva, segundo Marx, pode aparecer sob três formas: a flutuante, a latente, a estagnada.

**Flutuante:** corresponde aos movimentos de atração e repulsão no centro da indústria moderna. Sua tendência é incorporar ao trabalho força jovem e feminina, não qualificada obrigando a saída de trabalhadores masculinos.

**Latente:** Composta pela massa de trabalhadores agrícolas que se transformam em proletariado urbano na medida em que o capitalismo desenvolve-se nas zonas rurais.

**Estagnada:** Conjunto da classe trabalhadora, encontrada nas indústrias e trabalhos domésticos e prestação de serviços. Caracteriza-se pelo máximo de tempo de trabalho e mínimo de salário e emprego o mais irregular possível.

Concordo com Pena (1981) quando insere as mulheres, ou melhor dizendo, o trabalho feminino na categoria "estagnada" do exército industrial, ou exército de reserva por constituírem uma categoria flexível de trabalhadoras que *"entram e saem do mundo formalizado do trabalho, sem deixar pistas, em virtude de seu papel dependente do homem na família"* (Pena, 1981).

As funções desempenhadas pelas mulheres, bem como seus salários são consideradas complementares e como complemento podem ser cortadas ao meio: meio-expediente (professoras, enfermeiras, comerciárias, bancárias, funcionárias-públicas, etc) e meio-salário.

A dona-de-casa, principalmente a brasileira de classe média "arranja um emprego" ou sai para "trabalhar fora" ocupando funções que não exigem grandes qualificações, nem diploma de curso superior. Mesmo que o possuam, este fica na gaveta por não ser necessário ao desempenho de seu trabalho. Complementando o salário do marido, e livre

dos afazeres domésticos, ingressa no mercado formal numa dessas absorções de crescimento econômico. Exército de reserva, vai para as trincheiras do capital. Por um trabalho de cinco, seis horas recebe um salário menor que o do marido mas que representa uma "ajuda" ao consumo familiar.

Ao voltar para casa tudo está em ordem. Trabalhando dez, doze e até 16 horas lá está a doméstica, na sua reserva, reproduzindo os meios para que ela atenda às necessidades do capital urbano e recebendo um salário chamado "mínimo" e muitas vezes ainda menor, devido aos descontos.

Na reserva do exército de reserva estas trabalhadoras, não produzindo mercadorias, produzem valores de uso e consumo da família para a qual trabalham: duplamente servindo ao capital de forma muito "barata" elas permitem através de seu trabalho, que não só outras mulheres mas todos os trabalhadores que constituem a família cheguem ao trabalho para atenderem às necessidades do capital. Esta atividade reprodutiva que garante os valores de uso através dos quais toda a família mantém sua rotina profissional ou doméstica, chamada trabalho doméstico, reserva da reserva do trabalho formalizado, é considerada por Pena (1981) o *"cerne da opressão feminina"*

Liberadas do comportamento de docilidade e subserviência estabelecido socialmente e denominado poeticamente como "mística feminina" as mulheres abdicam do trono de rainha do lar, cedendo suas funções e compromissos que as desgastam, a outra mulher que assume o trabalho, sem direito à coroa.

### 3.3 Ideologia de Classe e Cidadania

Sader e Paoli (1988), em notas de leituras sobre acontecimentos recentes nas Ciências Sociais, e com outras palavras mas num mesmo espírito que Arendt (1990) e Castoriadis (1986), observam que os trabalhadores, operários, subalternos, populares, habitantes de periferia, favelas e subúrbios, migrantes, sindicalizados e os participantes de movimentos sociais urbanos estão sempre, por seu percurso histórico, sendo classificados pelas Ciências Sociais, ou pela ideologia social em categorias, grupos, estruturas ou práticas coletivas em relação a outros grupos a eles antagônicos.

Ajudados pela informação ou pelo momento político ou, porque não, pelos movimentos "da moda" há a necessidade de compartimentar estes grupos, numa forma de representação, que produz uma visão de sociedade numa elaboração que Lefort diz ser dispare e articulada. A esta matriz de representação chamamos de imaginário (citado por Sader e Paoli, 1988).

Marx (1971) já havia observado estas "diferentes tentativas" como sendo *"um fragmento do real que abre a via a uma interpretação completa do mundo..."* e que se fôssemos além, poderíamos dizer, que, sem saber, estes trabalhadores, migrantes, operários, populares, etc... são arremessados à História e depois narrados por ela.

Ideologicamente, em momentos diferentes da nossa História, esta massa de seres considerados "oprimidos" receberam uma terminologia diferente.

Na Primeira República eram o "povo brasileiro" heterogêneo na sua composição, marcado pela mesclagem de raças. Esta falta de

homogeneização e identidade era considerada pelos sociólogos da época um empecilho à formação de uma verdadeira sociedade brasileira.

A heterogeneidade aparecia como negativa ou como apontou Marilene Chauí "falta de alguma coisa ou de tudo" (1981).

Numa tentativa de abolir esta "heterogeneidade" no momento da intervenção do Estado Getulista a nossa "multidão dispersa" surge como uma "classe social única" numa tentativa do Partido Comunista de unificar, através do partido, os diferentes grupos de trabalhadores.

Nos anos 50, ainda "enformados", nossa gente passa a constituir as "camadas populares" num momento de transição dos "dois Brasis", o da sociedade pobre e atrasada e desigual para uma sociedade industrializada, urbanizada e universal.

"Ideologicamente" compondo uma "classe operária", ressurtem os trabalhadores brasileiros urbanos e fabris num momento do imaginário das correntes de militância da década de 60.

E é no início dos anos 70 que o termo "classes populares" surge, em toda a sua imprecisão, tentando estabelecer as fronteiras do trabalho produtivo e do trabalho improdutivo, numa fundamentação teórica do que viria a ser o proletariado.

Numa constante tentativa de universalizar o particular, eliminar as diferenças e contradições, a ideologia

*"forma específica do imaginário social moderno, maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos tomar simplesmente como sinônimo de ilusão ou falsidade) por ser o modo imediato e abstrato de manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou dissimulação do real".*  
(Chauí, 1981)

... não pode assim ser preenchida.

Esta mesma ideologia, instituída no discurso do especialista é o "discurso competente" enquanto discurso do conhecimento. Ela se opõe às classes em movimento e termina por caracterizar estes sujeitos sociais numa só massa humana *"aglutinado amorfo de seres humanos sem rosto e sem vontade"* (Chauí, 1981).

Como peças ou produtos, estes grupos catalogados e classificados como se fossem matrizes se movimentam entre as engrenagens sociais sem participação, consciência ou opção.

Não satisfazendo nem à ciência, nem aos próprios trabalhadores que passam a ser simples terminologias, a colocação do real não fica resolvida.

É assim que mobilizados por movimentos sociais diferentes e por orientação de diversos sindicatos ou partidos eles começam, na arena social, a desempenhar diferentes papéis conforme suas falas e interesses próprios.

Os cientistas sociais dos anos 80 começam então a assistir a imagens de classes múltiplas e diferenciadas, de voz própria, que mais se diversificam do que se identificam, com formas de expressão política diferentes das tradicionais (nem sempre organizados em sindicatos e partidos), com escolhas próprias tentando elucidar o que para nós que estudamos parecia já lúcido, e eles desconheciam.

Ocupam espaços diferentes: uma esquina, um salão, um terreiro, uma cachoeira, uma igreja. São pedaços da cidade que eles tentam dimensionar por seus lotes. A conquista é deles. São sujeitos da própria ação e não "objetos da interpretação alheia" e parecem se rebelar com esta idealização de suas pessoas. Inexplicavelmente como dizem Sader e Paoli (1988, p. 60) é como se interpretassem uma recusa:

*"Falando por voz própria, é como se os trabalhadores tivessem se rebelado contra o papel de objeto de interpretações alheias e, portanto, contra a posição dos cientistas enquanto sujeitos que detinham a soberania da explicação"*

São sujeitos que através de suas práticas exercem, de forma mais pura, a democracia. Não são massa, consenso. São atores diferentes, com papéis sociais diferentes, com lutas diferentes. São dissenso.

E se quem estiver envolvido com as Ciências Sociais quiser ter por honra estudá-los terá que chegar muito perto "olhar tudo de novo" e correr o risco corrido por Éclea Bosi (1991), o risco de "... sofrer de maneira irreversível sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados"

Os "sujeitos observados", as empregadas domésticas, na arena social têm atuado como atores coadjuvantes na tentativa de conduzirem seu destino, de formarem sua cidadania.

Como veremos no próximo capítulo, ao serem analisados os dados, o que se observa é que nem domésticas elas têm certeza que são. A platéia não as reconhece, pois a profissão ainda não é reconhecida, por leis, como uma outra profissão qualquer.

Os direitos das domésticas são diferentes dos direitos das demais profissões. Os deveres são acima das outras profissões, a começar pelas horas de trabalho. Não há cursos profissionalizantes. Não pertencem ao Sesi, ou ao Senac. Não são da indústria, nem do comércio. São mulheres, domésticas. Seu sindicato é sem força e na maioria das vezes ela o desconhece. Ela nem é um empregado porque nem possui um patrão. A relação da empregada doméstica e patrão é uma mistura de salário e ajuda.

disponibilidade e agradecimento, tempo livre sem abandonar o espaço do trabalho. Ainda é ruim para as patroas e é péssimo para elas.

Até que elas se estruturam como sujeitos, atores sociais, grupo que se faça representar profissionalmente, mulheres seguras e cidadãs conscientes, muitas ondas quebrarão na sua praia e no movimento elas não conseguem sair da arrebentação.

*"As ondas da moda se quebram na massa compacta dos oprimidos. Em contraste, os movimentos da classe dominante que já atingiu o poder obedecem as oscilações da moda. Por sua natureza, as ideologias dominantes são mais variáveis que as idéias dos oprimidos, porque não se limitam como as últimas, a adaptar-se a situações variáveis de luta e precisam transfigurá-las como situações no fundo harmoniosas". Benjamin, citado por Rouanet (1989).*

Pelas entrevistas das empregadas domésticas sindicalizadas estas estão felizes com a profissão que escolheram. Elas não reconhecem que vivem em conflito, uma crise. Outros grupos profissionais procuram atalhos ou desvios dos caminhos da subordinação, da massificação. As domésticas nem reconhecem o conflito da própria vida para começarem a lutar. Parece que as coisas estão melhorando... Vão melhorar...

Falta-lhes talvez a atitude de ser o sujeito da sua própria cidadania numa ação verdadeiramente democrática *"não se iludir sobre o melhor e não se resignar com o pior"* (Bobbio, 1987).

### **3.4 Participação Social e Sindicato**

Participação social está ligada à conquista do espaço social e não à do recebimento, como donativo deste espaço. Praças, parques, quadras são espaços públicos que não significam estarem relaciona-

dos à participação social. Participação social é fazer parte da sociedade em situação de igualdade com os demais cidadãos.

Quando as classes dominantes "convidam" à participação, já não é mais participação social. Se comparamos uma festa popular, sem participação do turismo e da T.V., com um comício "popular" a diferença do tipo de participação é muito clara. Na festa popular a interação do evento e seus participantes é total, não se distingue os organizadores de seus "convidados". No comício, lá em cima no palanque, as pessoas de Pem, e cá embaixo, os indivíduos populares. São as "pessoas de bem" conduzindo a participação social. Sua legitimidade é indiscutível, eles sabem o que é melhor. Determinam assim a ação, a participação social. Não é participação, é coesão, é sedução social. É o "showmício", levam artistas, vedetes de popularidade, craques de futebol.

A verdadeira participação social dos grupos minoritários, dos trabalhadores brasileiros é feita através da ampliação, da conquista de espaços de sociabilidade e ação. É uma conquista difícil, solitária dos grupos, sem segurança e a "proteção" da classe dominante. São espaços, que poderíamos dizer, quase marginalizados. É uma relação com o desconhecimento, de onde nascem muitas vezes os verdadeiros movimentos de participação social. São como diz Sader (1988) "pedaços da cidade" que se emendados dariam um belíssimo tecido urbano-social. São quintais, quadras, praças, salões, pátios. Ora emprestados, ora ocupados, ora alugados a duras penas.

São agrupamentos espontâneos e solidários de pessoas que se identificam pela própria vivência, por interesses comuns. São atividades de lazer, políticas e religiosas.

Nas zonas rurais são identificáveis mais facilmente. Na cidade se espalham como fio de água.

Entre os diferentes grupos de trabalhadores urbanos esta participação social ainda não é substantiva. Mas são formas de representação múltipla: grupos de mães, diferentes sindicatos, grupos de oração, grupos de pagode, grupos assistenciais aos idosos, mães-solteiras e menores abandonados, são pequenos partidos em ascensão política.

Reconhecidos como participantes só pela atuação dos sindicatos são desacreditados socialmente em sua vivência social.

Realmente o sindicato é a sua forma de representação e de participação social mais reconhecida, talvez por ser mais temida pela população dominante.

O sindicato, não subverte a ordem, mas luta pelos direitos dos trabalhadores e por sua maior força e participação social. Daí a sua ameaça. A pressão é tanta que os próprios interessados muitas vezes não ingressam nos sindicatos pertinentes, temendo demissões nos empregos.

Esta opressão pela participação integradora das classes trabalhadoras na sociedade opera em vários níveis.

A carência de participação dos grupos femininos nas organizações sindicais e partidárias é justificada pelo nível de opressão sofrida por estes diferentes grupos. Há a intervenção ideológica do Estado, a coação do patrão, a proibição familiar.

Ao realizar esta pesquisa junto ao sindicato das empregadas domésticas de Belo Horizonte, vivi isto muito de perto.

O grupo a ser pesquisado foi dividido entre domésticas não-sindicalizadas e sindicalizadas. A forma de chegar às domésticas sindicalizadas foi através de uma listagem fornecida pelo sindicato. Dos 18 nomes da lista o contato só foi possível com 7. Os obstáculos que encontrei por parte dos patrões e das próprias sindicalizadas foram muitos. Cheguei

a ser ameaçada: chamariam a polícia se eu insistisse em falar com a doméstica.

Ao me apresentar como uma pesquisadora da universidade, a pergunta ou o comentário era imediato:

*- Não sabia que a Universidade agora se interessava por empregadas domésticas*

O desrespeito, o desprezo humano, era total.

A empregada, propriedade da casa por um salário mínimo, não pode ser sindicalizada, ter uma vida própria, construir sua identidade.

E esta opressão está presente nas empregadas também. Uma delas, após ter combinado a entrevista ligou para mim temendo que o resultado da mesma prejudicasse os patrões "bons demais para mim" ou a ela mesma. *"Moro aqui há tantos anos, sou tão dedicada, devo muito a efes."*

É difícil ocupar um espaço se você não existe. E a profissão do empregada doméstica parece não existir. Talvez por isso seu sindicato, embora em crescimento, seja tão fraco.

Não estão definidas na profissão, no espaço social as funções de patrão e empregado. Resquícios de escravatura ainda existem. O espaço da casa não é delimitado como o da fábrica. A família-empregadora não é a sua família. E não é mesmo pois está sempre lhe devendo gratidão e reconhecimento, sentimentos que não somos obrigados a ter com os de laço sangüíneo.

A classe não conseguiu obter ainda todos os direitos mínimos alcançados pelas leis como outras classes trabalhadoras: falta-lhes conseguir o fundo de garantia, jornada de 8 horas de trabalho, auxílio desemprego e salário-família.

As leis trabalhistas também se perdem por não saberem atuar com esta classe misturada ao espaço doméstico, à família.

Como efetuar os descontos de roupas doadas, cama, comida, remédios e etc. Por outro lado as domésticas além de executarem todo o trabalho básico doméstico, executam, muitas vezes, trabalhos que deveriam ser dados a outros profissionais: lavam tapetes, servem festas no lugar dos garçons, às vezes costuram, dão bainhas e reformam roupas, algumas, mais escolarizadas, acompanham os deveres-de-casa das crianças no lugar de professoras particulares.

Esta mistura de paternalismo e dominação é introjetado de tal forma pelas empregadas que para elas torna-se difícil assumir a profissão enquanto tal, com seus direitos, sua liberdade.

Acostumadas a receber o que as patroas não querem mais, as informações imediatas de que precisam sem sair do espaço doméstico, não tendo que lutar pela vida de forma tão árdua como a operária, Fechadas no espaço e na mentalidade doméstica levam para o sindicato o mesmo comportamento e a mesma domesticidade. Esperam tudo do sindicato sem noção que este "tudo" é fruto da sua participação social. Segundo a direção do sindicato o mais comum é perguntarem:

*Saiu alguma coisa pra nós?"*

Chegam lá escondidas. Não dão o telefone do trabalho. Jsam o sindicato como pronto-socorro. E nesta busca de pronto-socorro estão sempre a trocar o curativo da mesma ferida. Temem arriscar novos arranhões. A dor conhecida é sempre menor.

O sindicato das domésticas de Belo Horizonte tem 9.000 empregados sindicalizados dentre os 380.000 registrados em Belo Horizonte (dados do sindicato). Segundo a mesma fonte o número de empre-

gadas domésticas com registro profissional (carteira profissional assinado pela patrão) é muito pequeno em relação à totalidade da profissão.

A falta de informação sobre o sindicato e o medo de perder o emprego são os maiores empecilhos para o desenvolvimento deste espaço de participação social da categoria.

Lentamente o sindicato das empregadas domésticas ocupa seu espaço, se faz reconhecer. Mas é um reconhecimento pela ameaça que ele representa para os patrões. Mas na verdade este medo, esta ameaça representada por ele é devido à falta de informação por parte das famílias-empregadoras: dos dados levantados são as empregadas sindicalizadas as que mais permanecem no emprego (numa média 22 anos por doméstica).

O que se percebe é que quanto maior é o tempo de emprego pior a situação profissional da mesma. O salário é o mesmo de uma recém-contratada, o nível de gratidão esperado é muito maior, a dedicação por horas de trabalho é maior entre as sindicalizadas.

O que o sindicato propicia é o cumprimento das leis, e isto é o mínimo esperado. Ao cumprir as leis os patrões na verdade é que estão mais protegidos. As empregadas sindicalizadas raramente os levam à justiça. Não têm motivo, pois o mínimo de proteção jurídica é cumprido.

Já as não-sindicalizadas mudam sistematicamente de emprego, não exigem a carteira assinada e acabam por brigar na justiça por seus direitos. Quase nunca são despedidas, pedem demissão de forma pouco profissional. Não têm necessidade de serem profissionais pois não consideram que possuem uma profissão, sentem-se infelizes como domésticas, muitas até se envergonham disto, como Eliane:

*"Minha vida tem um lado tumultuado: tem um lado bom, tem um lado ruim. Por um lado eu sou feliz, por outro não. Por exemplo, você tá numa turma de amigos. De repente perguntam pelo seu trabalho. Falo que trabalho em casa de família. Logo vem o comentário:*

*- Pô, você menina fina, educada, gente fina, trabalha em casa de família? Tanto lugar para você trabalhar...*

*Aí eu falo que até agora não pintou emprego melhor, não tenho estudo, tenho de trabalhar em casa de família. O lado bom é que a gente ganha o dinheiro da gente, honesto, certinho, É ruim e é bom. Mas a gente não pode fazer nada..."*

A vulnerabilidade diante da engrenagem social cria a apatia responsável pela fraqueza dos sindicatos e pelo baixo nível de participação social, mas redimensiona, para nós, cientistas sociais da informação nosso espaço de participação profissional diante destes atores coadjuvantes. Somos responsáveis por melhores "textos no contexto da informação popular". Somos responsáveis por maiores espaços de ligação a estes sujeitos através da informação mais adequada, compreensível e propulsora de crescimento.

### **3.5 A informação aurática: fetiche e dominação**

Já vimos no tópico 2.3 que a informação só existe quando comunicada. Informação existe por causa de uma ação: a de buscar. Alimentada pela dúvida, a informação se refaz na resposta que satisfaz plenamente o indivíduo, ou parcialmente, criando novas dúvidas, novas informações, novas respostas. Esta dúvida, pode ser dirigida por um objetivo, o que Freitag (1988) chamou de "dúvida metódica".

Ao começar minhas entrevistas me deparei com uma presença, nada nova para quem quer tornar grupos marginalizados socialmente, objeto de pesquisa: a desconfiança. Estive bem próxima deste sen-

timento: presente em quase todas colaboradoras e em quase todas as respostas.

No meu trabalho eu colocava dúvidas metódicas e elas, desconfiança. A informação, mais uma vez facilitou para mim o caminho do esclarecimento, do "que está se passando aqui", e não para elas, minhas entrevistadas.

Do trabalho de Freitag (1988) faço uma citação bastante esclarecedora.

*"Enquanto a dúvida metódica representa o caminho da negação para construir um saber mais satisfatório, a desconfiança representa uma forma de negação que bloqueia o acesso a qualquer saber. Psicanaliticamente falando, poder-se-ia dizer que a dúvida está a serviço do princípio da realidade, sendo atirada pelo **ego** para superar conflitos e contradições subjacentes ao processo cognitivo. A desconfiança está a serviço do princípio do prazer; é ativada pelo **id**, fazendo persistir incoerências e conflitos subjacentes, recalcados, para evitar o desprazer de seu desmascaramento. Enquanto a desconfiança é uma forma de Questionamento que põe indiscriminadamente tudo em questão, a dúvida preserva o já conquistado e sabido, negando sistematicamente tudo o que ainda não está esclarecido, buscando adquirir novos conhecimentos. **A desconfiança não tem critério para discriminar representações do mundo válidas de outras menos válidas e corre o risco de aceitar representações falsas (do mundo das bruxas e dos fantasmas) e de rejeitar representações corretas (como a tese heliocêntrica)"** (Freitag, 1988)<sup>6</sup>.*

Evidencia-se como a dúvida muitas vezes é desconfortável e estabelece muitos limites, como o de cognição, barreiras lingüísticas, dependência de explicação "do outro" optando-se pela busca de repetição, pelo que já é anteriormente conhecido. Não há uma reconstrução do conhecimento. Sentindo o limite passa-se a desconfiar do que é novo mais talvez num movimento de retração que de rejeição. As oportunidades so-

**h Grifos meus.**

ciais são muito pobres para auxiliarem na aquisição de conhecimentos que enriqueçam o indivíduo e ampliem seu horizonte. Assim é mais fácil acreditar num Silvio Santos, num pastor de igreja evangélica onde a linguagem nada traz de novo e funciona como anestésico de dúvidas e conflitos.

*"Eu gosto de ler é revista. A Amiga, a Contigo, que falam do povo da televisão, os artistas, os jornalistas, aquele lindo, o Chapelin. Eu acho bom ler que elas falam de coisas que a gente já sabe, né, já conhece" (Maria).*

A informação que leva ao crescimento torna-se aurática, inatingível. Ela é reconhecida como sendo da competência do outro. *"Qualquer coisa que eu preciso saber eu pergunto para o meu patrão. Ele sabe de tudo. Ele é muito inteligente e me explica tudo direitinho". (Isabel)*

O falar e o ouvir tornam-se então pré-determinados. Não é qualquer pessoa que pode dizer qualquer coisa em qualquer situação. Somente aqueles que detêm o que Chauí (1981) chama de "discurso competente". É o discurso já instituído socialmente. Já fica pré-estabelecido que pode ser proferido e mesmo se não é bem assimilado pela compreensão será sempre aceito. É o discurso do "falou bonito", é o discurso de quem tem domínio da situação.

É o discurso do conhecimento, competente aquele que conduz, como diz Matta (1979) à frase elitizante "Você sabe com quem está falando", discurso separador de grupos antagônicos: dominantes e dominados. É o discurso que generaliza, massifica num reducionismo tal que *"olhando a pessoa, vê toda a sociedade"* (Durham, 1988).

Os grupos sem privilégios sociais, como as domésticas, passam a receber informações massificadas que mexem mais com o seu

sentimento que com o conhecimento. A informação do outro, que seduz, enfeitiça mas é vazia de significado.

A informação do inatingível. Do fetiche. Da voz de veludo que conduz a uma subserviência absoluta.

O buscar movido pela dúvida, pela necessidade, dá lugar ao acesso conduzido, o da moda, dos modelos produzidos.

Tendo acesso a todos os canais de informação das residências onde trabalham, a informação é a mesma da patroa. A revista preferida é a Veja e o Jornal Nacional o mais escutado. E há ainda a sedução daquelas revistas que a patroa assina: *"Eu gosto muito daquela francesa que a minha patroa assina, tão chic aquela revista é, Marie Claire, tem cada coisa de moda..."* (Ivany)

Esta informação aurática contrasta com a consciência da necessidade de estudo: todas as empregadas afirmaram que a ausência de escolaridade prejudica-as no conhecimento do mundo.

*"O que eu quero mesmo na minha vida é o diploma do 2º grau completo. Se Deus quiser, diploma na mão. Já nem falo de faculdade porque é muito caro"* (Eliene).

O direito ao estudo, a uma informação adequada, necessária, fica distante. No fundo a consciência que educar-se é para quem tem dinheiro, para quem o sistema econômico privilegia. O desejo de estudar, de melhor informar-se é a consciência de um conflito. A informação produzida pelos meios de comunicação de massa, pela leitura da Veja, pelas revistas que a patroa adquire é a do fetiche, a da sedução. A que vende a ilusão de estar presente num espaço coletivo, social, sem consciência de que não está.

O sentimento de exclusão e marginalidade aos bens de consumo desaparece no consumismo de imagens de sonho. Ligando o aparelho de T.V., abrindo uma revista de moda é como se fosse o consumidor daquelas fotos e imagens coloridas: ser aquela mulher elegante, que recebe flores, é cortejada, tem ar de segurança e acaba por sair dirigindo um carro da moda cheirando a "impulse".

Não há dúvida, seduz. Seduz e domina. Domina por manter a situação da doméstica como está. Domina pois não conduz à dúvida sistemática originária da consciência.

Os sonhos inatingíveis são originários da desconfiança. Como confiar? A informação aurática é "sinal fechado" para se "correr e pegar um lugar no futuro" (Paulinho da Viola). É a informação da moda, da mercadoria aquela que como diz Benjamin: *"contém uma verdade que dorme. A verdade da origem, a verdade do futuro (...) Libertar esta verdade adormecida é tarefa do despertar histórico..."* (citado por Rouanet, 1989).

E o despertar histórico se faz... numa sociedade mais humana e igualitária.

**4 EMPREGADAS DOMÉSTICAS:  
LEITURA, NECESSIDADES E DESEJOS**

As dúvidas que possam ter surgido nos capítulos precedentes podem aqui ser esclarecidas. Este capítulo é o espaço aberto às falas do grupo pesquisado. Representa um conhecimento mais concreto destas mulheres através de suas preferências, necessidades e desejos.

#### 4.1 Leitura

Devido ao aspecto voluntário de leitura é que esta foi escolhida como uma das formas pela qual se poderia obter informações para atendimento das necessidades das empregadas domésticas. Ao pegar um livro, um jornal, uma revista está implícito um aspecto da vontade, do querer que é mais espontâneo que o ato de ligar um rádio ou uma T.V. Na busca da leitura fica nítido o aspecto da escolha: o título, a capa, a referência...

Voltamos a Hatt (1976) e sua preocupação com o processo de leitura. Suas perguntas nos orientam na análise dos dados fornecidos pelas domésticas: Quem é o leitor? De que necessita um leitor e o que é necessário para efetivar-se como tal? Como leitores e textos caminham juntos?

A área da Ciência da Informação, em estudos anteriores, se preocupava com a leitura através de estudos de usuários. Os leitores medidos pelo uso da leitura e não pela vontade. Os dados sobre usuários eram classificados e catalogados em listagens que nos conduziam a dois aspectos: os livros eram ou não eram usados pelos leitores.

Hatt (1976) preocupa-se com o leitor de forma diferente. Seu cuidado encontra parceria nos trabalhos de Ecléa Bosi (1983) (1991), de Preitag (1988), de Sader (1988) e de Rago (1987).

Para ele a leitura, forma de organização do conhecimento é mais que catalogar e classificar sílabas, palavras e usar enunciados, é mudança cognitiva.

Considerando que a leitura parte então da cognição e pressupõe mudança cognitiva, conhecimento reconhecido e ampliado fazemos nossa, outra pergunta de Hatt (1976): como uma pessoa, um cidadão se engaja no ato de ler? Por quais escolhas? Pressupõem-se que tudo dependerá de chances, não dos acasos de um rádio, uma televisão, ligados em uma estação qualquer.

Um leitor engajado no texto não reúne apenas sinais e sim significados. E quando é que o texto significa? Quatro aspectos são importantes na leitura que justifiquem o ato voluntário de escolha:

- "a) percepção dos sinais (palavras);*
- b) compreensão dos sinais;*
- c) reação;*
- d) assimilação. " (Hatt, 1976)*

A percepção e compreensão dos significados das palavras são possibilitadas pela primeira característica dirigida para que um leitor torne-se leitor em potencial, segundo Hatt: ser alfabetizado.

Das 20 empregadas domésticas analisadas por esta pesquisa, 19 ou 95% são provenientes do meio rural e 1, representando 5%, do meio urbano. Todas as sete empregadas sindicalizadas, e 12 entre as 13 entrevistadas não-sindicalizadas vieram do interior para tentar um emprego melhor em Belo Horizonte. Seu nível de escolaridade será apresentado na tabela abaixo.

**TABELA 1**  
**Nível de escolaridade do grupo pesquisado**

Escolaridade	f	f%
4ª série do 1º grau	14	70%
5ª série do 1º grau	3	15%
1º grau completo (8ª série)	1	5%
1º ano do 2º grau	1	5%
2º grau completo (Supletivo)	1	5%
TOTAL...	20	100%

Todas as domésticas entrevistadas são alfabetizadas. Dominam a decodificação dos sinais gráficos exigidos para a leitura, em nossa língua.

O destaque para alguns dados como 5ª série do 1º grau e 1º ano do 2º grau é devido a importância que cada ano de escolaridade tem na vida delas. Seria injusto dados como 1º grau incompleto ou 2º grau incompleto.

\* \* \*

A segunda característica de um leitor potencial seria a do acesso ao material de leitura. Mas será que este acesso significa apenas decodificar os sinais e estar próximo fisicamente deste material?

Antes de tentar medir este "acesso" tentei verificar o interesse das empregadas domésticas pela leitura. Segue-se o relato das leituras feitas por nossas entrevistadas e seu grau de interesse por elas.

A primeira pergunta dentro desta temática era:

Você gosta de ler? Se gosta, o que prefere ler?

A) Respostas obtidas: empregadas domésticas não-sindi-

calizadas:

1) /*vany*: "Eu gosto, mas é difícil de ler. Leio mais revistas de moda, aquela Amiga, alguma que tem assunto mais interessante, quando fala de dieta..."

2) *Eliene*: "Eu gosto. Ultimamente o que eu mais leio é revista em quadrinhos. Magali é que eu gosto demais {dá uma risada}. Às vezes uma notícia de política no jornal, o fora do Collor... (ri novamente).

3) /*vete*: Gosto muito de ler a Bíblia e as revistas da minha igreja: Assembléia de Deus.

4) *Beatriz*: Eu gosto. Pego livros e leio à noite, todo dia, até o sono chegar. Só que eu já deito, o sono vem logo.

5) *Mar/ene*: Gosto de ler só a Bíblia.

6) *Edna*: Gosto de ler mais é revista e jornal.

7) *Ana*: Não gosto, não.

8) *ZUma*: Não gosto muito, não. Mas leio a Veja.

9) *Fátima*: Eu gosto de ler qualquer coisa, livros.

10) *Maria*: Gosto, muito demais não. Gosto quando é livro de histórias românticas. Antes era a Bíblia. Agora perdi esta mania.

11) *Eliane*: Gosto de ler romance.

12) *Railda*: Gosto de ler, mas sou muito lenta. Esqueci quase tudo, tenho que ficar soletrando. Revista é mais fácil de ler né, tem as gravuras, é mais fácil.

13) *Aparecida*: Gosto. Mais revistas. Livro não. É que livro é mais demorado. Não é que eu não tenha tempo. Tempo eu tenho, mas é um tempo invadido. Às vezes já são dez horas eu estou lendo alguma coisinha no meu quarto a minha patroa entra e fala assim:

- Cida, faz um cafezinho pra mim?

Ela pede de um jeito que eu não tenho como recusar.

B) Respostas obtidas: empregadas domésticas sindicali-

zadas;

**14) Maria Uma:** Gosto. Tudo que aparece na frente. Coisas boas com notícias de Minas, do Brasil, do mundo. Você na leitura aprende que a escola não ensina.

**15) Ane/ina:** Gosto. Mas não leio muito não. Eu leio mais coisas da igreja.

**16) Luzia:** Gosto. Eu leio mais, todo dia, o jornal. >4s vezes um livro de romance. Gosto muito de romance...

**11) Madalena:** Gosto. Gosto de ler mais esta parte sobre a nossa profissão. Gosto de tudo que fala de doméstica.

**18) Isabel:** De vez em quando. Gosto de ler reportagem de polícia e se sai no jornal alguma coisa sobre a doméstica. Domingo até saiu no jornal, você viu?

**19) Natalina:** Gosto. Mais de livros de religião, novenas, o jornal.

**20) Maria de Fátima:** Gosto muito. Desde que seja uma leitura agradável, livros, revistas em geral! e jornal.

Das 20 entrevistadas, dezessete ou 85% gostam de ler; 2 ou 10% não gostam de ler, e uma ou 5% gosta, mas gosta menos. De vez em quando...

Nesta proximidade da leitura, neste gostar começa-se a perceber o acesso pelas preferências. Das 19 citações de preferências (duas não citaram, algumas citaram mais de uma forma de leitura preferida); 4-2,1% preferem as revistas; 36,9% preferem a leitura de livros (Bíblia e romances); 15,8%, preferem a leitura de jornais e 5,2% gostam das três formas igualmente.

A segunda pergunta para medir o acesso à leitura pelo interesse foi a seguinte;

O que você já leu, que foi tão importante, que você nunca esqueceu?

A) Respostas obtidas: empregadas domésticas não-sindicalizadas:

"D Ivany: Nada que eu lembre. Nada me marcou.

2) Eliene: Acho que não tem nada não...

3) Ivete: Ah, foi uma revista que falava de amar o próximo, respeitar, ser humilde com as pessoas...

4) Beatriz: Eu leio, mas eu esqueço.

5) Marlene: Um livro de sa/mos. Coisas importantes. Que dão muita emoção.

6) Edna: Se teve, não me lembro mais.

7) Zilma: Não me lembro.

8) Fátima: Cartas que me mandaram é que mais me marcaram.

9) Maria: Não estou muito lembrada...

10) Eliane: Tem um livro sim. Cavalo de Tróia. Um livro muito bonito. Nunca eu esqueci.

11) Railda: Nada.

12) Ana: Não lembro.

13) Aparecida: Foi um livro lindo, romântico, acho que era triste. Só que eu esqueci o nome (pergunto pela história, ela não consegue lembrar-se).

B) Respostas empregadas domésticas sindicalizadas:

"14) Maria Uma: Toda coisa relacionada com acontecimento da época, assassinato de um companheiro da área rural, a vida de santos, São Tarcísio, eu nunca esqueci. O que me marcou muito, que ficou na minha memória é a

morte de um companheiro, a violência contra as mulheres...

**15) Anelina:** Não lembro, não.

**16) Luzia:** Livro de história romana. Que me marcou muito foi o Robson Crusoé. Sei a história toda. Encontro marcado. Livros de poesia. Ah, gosto de ler, me distrair, é importante para mim.

**17) Madalena:** Foi uma reportagem que saiu na Veja, não lembro é o tempo que foi. Foi uma reportagem que fiquei emocionada sobre empregada doméstica...

**18) Isabel:** Li muito foi o Menino do Dedo Verde. Me impressionou porque eu acho que eu sou igual a ele. Planto uma planta dá e aí nasce outra. É lindo aquele livro. Agora este livro é meu. Não é da casa que eu trabalho. É meu. Eu que comprei.

**19) Natalina:** (Não fala de leitura. Fala de permissão que ela teve de levar os filhos da patroa para serem batizados já que ela era a té ia).

**20) Maria de Fátima:** Não tenho especial, assim nada. Só os noticiários diários cheios de notícias bravas.

A lembrança de uma leitura marcante está ligada a uma experiência, quando é recuperada pela memória. Segundo Halbwachs, citado por Bosi (1983) ...

*"... Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho".*

Quando a experiência religiosa é importante, faz parte do cotidiano, o acesso às leituras religiosas se faz.

Se a vivência coletiva se faz por experiências através do sindicato, são as leituras sobre sofrimentos de outros trabalhadores, reportagens sobre domésticas, assuntos de seu dia-a-dia é que tornam o acesso mais fácil.

Se a solidão é uma experiência constante, são as cartas de amigos, familiares, o elo com o mundo deixado para trás, o melhor acesso.

Se as experiências, as vivências são tão raras, uma única, é marcante. Um livro lido em sua íntegra, uma única vez como uma experiência bem próxima; Robson Crusóé, O Cavalo de Tróia, o Menino do Dedo Verde. A vivência é tão importante que se faz necessário esclarecer a origem do livro: *"Este é meu, eu comprei"*.

E às vezes, a experiência, a vivência é a oportunidade de dar uma entrevista. As minhas palavras são lidas e compreendidas e numa reação imediata, assimiladas por Marlene. "... *Coisas importantes. Que dão muita emoção.* "

Já vimos que não basta ser alfabetizado para ter acesso à leitura, nem só estar "próximo" dela. Além da percepção e compreensão, é necessário uma reação que eu chamaria de interpretação para depois haver assimilação do texto. Railda torna isto muito claro. Ela diz que sabe ler mas é muito lenta. Prefere as revistas. As gravuras ajudam a assimilar o significado. A gravura é a história viva, quase independe de uma cognição anterior. Talvez, por isto, a preferências pelas revistas conforme dados apresentados na tabela 2:

**TABELA 2**  
**Leitura de Revistas**

Revistas Citadas	f	f%
Veja, Isto É	9	36%
Moda Moldes, Elle, Marie Claire	4	16%
Amiga, Contigo	4	16%
Magali	1	4%
Manchete	1	4%
Seleções	1	4%
Nova, Mulher	1	4%
Revistas especializadas sobre assuntos femininos	1	4%
Capricho, Carícia	1	4%
TOTAL...	25	100%

O acesso às revistas é comprovado pelo número de títulos citados (25 citações de 14 títulos) em relação ao número de nossas entrevistadas (20).

Apresentaremos a seguir a tabela sobre leitura de jornais e o relato sobre leitura de livros.

65% de nossas entrevistadas lêem jornal, se não diariamente, pelo menos uma vez por semana. 35% não lêem.

Apareceram 15 citações de leitura de jornal dentre 6 títulos. 7 das entrevistadas não lêem. Algumas lêem mais de um título e há coincidência de leitura, na preferência.

**TABELA 3**  
**Leitura de jornais**

Jornais citados	f	f%
ESTADO DE MINAS	7	46,7%
DIÁRIO DA TARDE	3	20%
GLOBO	2	13,3%
JORNAL DO BRASIL	1	6,7%
ESTADO DE SÃO PAULO	1	6,7%
JORNAL DE CASA (semanal)	1	6,7%
TOTAL de citações...	15	100%

A escolha dos jornais coincide com os que são comprados pelos patrões, o mesmo acontecendo com as revistas. Neste caso é o que realmente está mais próximo fisicamente.

Vamos observar os relatos sobre leitura de livros. Eles tinham sido apontados anteriormente por 36,9% das nossas entrevistas como o tipo de leitura preferido.

*Pergunta: Você lê livros? Lembra-se do último que leu?*

*A) Respostas das empregadas domésticas não-sindicalizadas:*

*1) Ivany: Não leio livros. Não sou chegada, só os da escola. Nem lembro do que li por último.*

2) *Eliene*: Sempre leio, mas ultimamente estou parada. O último foi um romance muito bom, mas não lembro o nome não.

3) *Vete*: Eu leio mais livro que conta histórias do tipo que acontece na vida. lembro que o último foi a Bíblia.

4) *Beatriz*: Leio de noite. O último que li acho que foi O intruso. É foi este mesmo. Eu adorei.

5) *Marlene*: Só leio a Bíblia.

6) *Edna*: Só leio a Bíblia e aquele que chama Bianca.

7) *Ana*: Livro eu não gosto, nem lembro o último que eu li.

8) *Zi/ma*: Só li quando estudava. Os livros da escola.

9) *Fátima*: Eu gosto de fazer alguma coisa em livro também. O último que eu li foi um do 3º ano. Eu fiz até o 4º ano mas gosto de renovar, então eu leio o do 3º ano.

10) *Maria*: Só a bíblia.

1) *Eliane*: Leio sim. O último, não lembro bem, é a história de um rapaz com um cavalo, não lembro o nome. Era muito bom. (Eliane já havia citado "O Cavalo de Tróia" como a sua melhor leitura).

12) *Railda*: Livro, não. Meu tempo é pouco, trabalho demais.

13) *Aparecida*: Leio pouco. Mais revista que a gente lê rápido. Livro não dá tempo. O último eu vi foi só uns pedaços do romance da Zélia, a ministra. Minha patroa comprou.

#### Respostas das empregadas domésticas sindicalizadas:

"14) *Maria Uma*: Leio sempre até meia-noite, uma hora. O último livro, eu não estou bem lembrada. Ah foi "Sal da Terra" (minha ex-patroa falou de mim neste livro). Leio livros sobre meninos de rua, os apóstolos, o nome do livro é Todos são chamados a ser discípulos.

15) *Ane/jina*: Livro é pouco. Só a Bíblia.

16) *Luzia*: Leio sempre. Tenho que fazer repouso por causa das varizes, aí eu leio. O último foi "Aconteceu à meia-noite."

17) **Madalena:** *Não é de livro que eu gosto. Tem de me agradar muito. Nem lembro do último.*

18) **Isabel:** *Só li O Menino do Dedo Verde.*

19) **Natalina:** *Leio, assim... A Bíblia, livros de novenas.*

20) **Maria de Fátima:** *Revistas é que dão mais tempo. Livro só muito romântico, livro a gente não tem muito tempo para ficar lendo. Revista a gente lê entre um serviço e outro. O último livro que eu li era um romance espiritual. Muito agradável. Não lembro direito mais.*

Em seguida foi perguntado se a família-empregadora contribui para o acesso aos diferentes canais de informação. 100% das entrevistadas têm acesso a todo material de leitura, acesso imediato. 95% têm acesso aos outros canais: rádio, televisão, vídeo, telefone e até computadores. Somente 1 entrevistada, correspondendo a 5% das respostas não tem acesso aos demais canais e fez um relato surpreendente:

*"Só me emprestam revista e jornal. Livro eu já disse que eu não leio. Televisão e rádio não posso ligar não. Nem sentar num sofá. Há dez anos eu limpo uma sala e nem sei se o sofá é bom, é duro. " (Ana)*

100% das nossas entrevistadas conseguem o material de leitura no trabalho. Apenas 20% compram de vez em quando. A necessidade de comprar vem da experiência vivida fora do âmbito doméstico. Desses 20%, 15% adquirem revistas de igrejas (religião crente) e 5% sobre assuntos variados, cujo interesse é despertado pelo sindicato.

Recapitulando sobre o interesse pelas leituras, voltamos aos livros e jornais e compararemos com as revistas. A diferença de preferência apontada entre livros e revistas não é muito grande. Enquanto 42,1% preferem revistas, 36,9% dizem preferir os livros e 15,8% os jornais. Entretanto citar revistas por título ou assunto é feita de forma clara e

imediatamente. O mesmo não acontece com os livros. A demora, o silêncio poderia ser interpretado como uma carência, uma ausência mesmo de vivência com o material.

25% citam a Bíblia, vivência religiosa.

15% citam os antigos livros de escola: última experiência.

25% citam os romances, mais ligados à idéia de evasão romântica: talvez uma forma de compensação...

15% justificam a falta de leitura devido à falta de tempo.

15% assumem que não lêem.

5% citam assuntos diferentes e um grande interesse pelos livros, fruto da experiência do dia-a-dia no sindicato.

Fica bastante claro o acesso ao material de leitura, no local de trabalho. Porém o uso deste material não corresponde ao acesso físico possibilitado.

Temos então que rever o termo acesso e suas conotações ambíguas. Ter acesso não significa estar perto. Significa buscar. E buscar depende de motivação, interesse.

Acesso ao material de leitura vai além de estar próximo deste material e ter capacidade de decodificação dos sinais. A permissão não cria motivação. Aliás motivação não se cria, como dizia Freire, M. (1983) é uma chance que não pode se tirar das pessoas, a de buscar o conhecimento, de construí-lo de forma única, individual. *"Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir e eu não posso comer ou dormir por alguém"*

Então o que possibilita o acesso ao conhecimento, à informação, são as vivências anteriores, as experiências. E se a nossa sociedade exclui as pessoas, tirando delas a possibilidade de conhecer o mundo.

não abrindo os horizontes através de chance de ter escola, se limita ao âmbito doméstico... estar próximo aos canais de informação é como estar próximo do sabão, ou das panelas. Se não é uma obrigação para sobrevivência, e se não faz parte de uma vivência anterior, o acesso é bloqueado.

Natalina é um exemplo vivo do que falamos. Ela trabalha há sessenta anos para uma família de um juiz de direito. Recebeu aos 9 anos o diploma de 4º ano deste juiz e o convite para ir trabalhar na casa dele. Vivia entre livros, jornais e revistas. No entanto só lia a Bíblia e livros de novenas e salmos. É muito religiosa. É católica. Entretanto Natalina toca piano muito bem e aos 68 anos está retomando suas aulas. Toca por partituras. Ajudou à patroa com 50% do valor, na compra de um piano.

O acesso à música foi feito no passado por experiências concretas:

*"Meu pai era músico, ficava com a casa cheia de gente dando aula. Um dia eu cantei as notas certas para ele. Eu tinha seis anos. Ele falou que quando eu crescesse um pouco, ele me ensinava música. Ele dava au/a de violino, violão, bandolim, piano. Tudo ele ensinava e qualquer um aprendia. Foi muito bonita a minha infância. Lá em casa todo mundo aprendeu muitos instrumentos. Eu gostei só do piano. Me encantava e era mais fácil. Faz muito bem pra cabeça... "*

Nem 60 anos dedicados ao emprego doméstico, rotineiro, quase sem folgas, sem férias apagou esta memória musical, esta experiência cognitiva com a música. Aos 68 anos, cuidando da aposentadoria como empregada doméstica, Natalina procurou uma professora para aperfeiçoar seus conhecimentos musicais.

*"Agora a minha patroa morreu. Antes eu nem saía de casa. Nem tocava mais. Ela mandava eu tocar, eu não tinha vontade vendo ela daquele jeito. Até à missa, eu co-*

*mecei deixar de ir. Tudo dela era comigo. Também os filhos deia são homens, difícil pra eles, né?  
Agora eu sal de lá. Não aguento ficar naquela casa, sem ela. Agora eu tenho tempo, vou estudar música de novo...*"

Chegamos então à 3ª característica exigida por Hatt (1976) para um leitor, em potencial: Ter tempo para a leitura.

Tentaremos trabalhar a questão do tempo de formas diferentes: idade, tempo (idade) de início da profissão, tempo de emprego, horas diárias de trabalho e folgas semanais.

**TABELA 4**  
**Faixa etária**

Idade	f	f%
17 - 18 anos	2	10%
19 - 20 anos	1	5%
21 - 22 anos	2	10%
23 - 24 anos	2	10%
25 - 26 anos	1	5%
27 - 28 anos	1	5%
29 - 30 anos	1	5%
31 - 32 anos	1	5%
33 - 34 anos	2	10%
35 - 36 anos	2	10%
44 anos	1	5%
49 anos	1	5%
56 anos	2	10%
68 anos	1	5%
TOTAL...	20	100%

Obs.: As empregadas sindicalizadas estão na faixa entre os 34 - 68 anos e as não-sindicalizadas na faixa entre os 17-35 anos.

**TABELA 5**

Idade de início da profissão

Idade	f	f%
7 anos	4	20%
8 anos	1	5%
9 anos	3	15%
10 anos	1	5%
12 anos	5	25%
13 anos	1	5%
15 anos	2	10%
17 anos	1	5%
18 anos	1	5%
20 anos	1	5%
TOTAL...	20	100%

Observa-se que 45% das nossas entrevistadas ingressaram na profissão de doméstica antes dos 10 anos de idade, tempo que deveria ser ocupado com as 4 primeiras séries do curso básico e 70% anterior a 12 anos, idade também aceita para este período de escolarização, e 90% antes dos 18 anos, tempo onde normalmente as pessoas com chances sociais, começam a ingressar numa profissão.

TABELA 6

Tempo que trabalha no emprego atual

3 no emprego	f	f%
Até 6 meses	5	25%
1 ano	3	15%
18 meses	2	10%
2 anos	3	15%
10 anos	1	5%
13 anos	1	5%
1 5 anos	1	5%
17 anos	2	10%
34 anos	1	5%
60 anos	1	5%
TOTAL...	20	100%

Acho importante esclarecer que entre as empregadas não-sindicalizadas somente uma trabalha há mais de 2 anos no emprego atual. 38,5% delas estão no emprego há menos de 6 meses. Constatou-se uma mudança sistemática de empregos. Por qualquer motivo elas *"pedem as contas"*, basta não se adaptarem ao sistema da casa. Isto é facilitado pela oferta de trabalho, é sempre maior que a demanda. Já as empregadas sindicalizadas, a exceção de uma só, estão no emprego atual há pelo menos 13 anos, ou atravessaram a vida, 60 anos, como é o caso da Natalina.

Seguem-se as tabelas de horas diárias de trabalho e folgas semanais.

**TABELA 7**  
**Horas diárias de trabalho**

Horas diárias	f	f%
6	2	10%
8	5	25%
10	6	30%
12	6	30%
14-	1	5%
TOTAL...	20	100%

**TABELA 8**  
**Repouso remunerado**

Folgas semanais	f	f%
2 folgas semanais (sábados e domingos)	5	25%
1 folga semanal (domingos)	11	55%
2 folgas por mês	3	15%
Sem folgas	1	5%
TOTAL...	20	100%

Dos dados obtidos para a elaboração das tabelas acima é importante ressaltar que as empregadas não-sindicalizadas, mesmo tendo uma maior rotatividade de empregos, conseguem se impor melhor, que as sindicalizadas no que diz respeito às horas diárias de trabalho e o repouso remunerado. Constatei que todas as empregadas sindicalizadas entrevista-

das trabalham, no mínimo, 10 horas por dia. Além do mais, só elas têm menos que uma folga semanal e somente 43% dentre elas possuem o repouso semanal remunerado. Por outro lado só as empregadas não sindicalizadas apresentaram maior índice de tempo livre diário (54% dentre elas trabalham no máximo 8 horas) e 38,4% têm 2 folgas por semana.

À exceção de duas empregadas sindicalizadas, todas as outras têm férias: período que é gozado livremente ou vendido à patroa.

Segundo opinião de Maria lima (presidente do sindicato das empregadas domésticas de Belo Horizonte) o sindicato tem percebido, através de suas associadas que o maior tempo num mesmo emprego em nada tem ajudado às empregadas. O salário não aumenta, o que aumenta é a "confiança" das patroas, ou seja, aumenta a exploração de força-de-trabalho. Quanto mais íntima, mais tempo a empregada fica no espaço de trabalho e conseqüentemente, mais trabalho aparece, mesmo que sejam "tarefas leves" como fazer companhia, olhar uma criança diante da televisão, ir a um banco ou ao supermercado.

Começamos então a analisar o fator tempo como inibidor ou possibilitador do interesse pela leitura.

Observando a tabela 4 e comparando-a à tabela 5 verificamos que nesta profissão as mulheres começam a trabalhar num tempo muito precoce e terminam tardiamente.

Numa amostragem muito pequena (20 entrevistadas) encontramos mulheres que já trabalham há mais de 40 anos e até há 61 anos nesta profissão, sem nunca terem interrompido.

Na tabela 6 observamos que há entre as empregadas não-sindicalizadas uma rotatividade maior entre os empregos. Ora anteriormente observamos que as leituras preferidas são adquiridas no local de trabalho "*minha patroa me dá*", "*minha patroa deixa eu pegar*", "*meu pa-*

*trão lê na cozinha para mim, quando ele acha que vai me interessar*", então esta rotatividade interfere. Está provado pelos dados obtidos que o acesso ao material de leitura é possibilitado a partir do "gosto do patrão". *"Eu leio o que eles compram"*. Se muda o emprego, mudam-se também novamente os interesses, os gostos dos patrões e o tempo para se estabelecer a intimidade necessária para se acessar este material.

A tabela 7 talvez seja a mais importante como esclarecedora do fator "ter tempo para a leitura". Observemos que 65% das nossas entrevistadas trabalham (evidentemente que sem horas-extras), mais de 10 horas por dia. E mesmo o tempo que elas consideram livre, por dormirem no local de trabalho, pode ser o que Aparecida chamou de "tempo invadido".

Relacionar o tempo disponível destas mulheres trabalhadoras com o tempo atual parece uma discrepância. O tempo do pós-modernismo da era informacional, tempo pós-industrial, tempo de entrada de novo século, século XXI, parece permanecer num tempo longínquo, pelo menos no que diz respeito à esta profissão: tempo de escravidão. Os resquícios dela estão por aí na impossibilidade que estas profissionais têm de um tempo livre para se interessarem por elas mesmas, para investirem em seu crescimento pessoal.

Talvez nem fosse necessário avaliar o 4º aspecto necessário à condição de leitor potencial. Trata-se do aspecto de condições ambientais, ambiente propício à leitura.

Já na introdução deste trabalho este aspecto foi comentado. "O quatinho do fundo", espaço reservado à intimidade, à liberdade da empregada doméstica, tem em média 4 m<sup>2</sup> de dimensão, espaço onde se despeja o ser humano e os "materiais indesejáveis" da casa. Mal cabe a cama. 90% dos quartos a que tive acesso não possuem janelas. Não têm

uma mesa, uma cadeira, uma iluminação adequada. Não cheiram bem. Ou cheiram bem, em excesso (cheiro dos desinfetantes e ceras que neles são guardados). Não dão prazer de estar, de ficar, que diremos de ler, de se informar...

Na verdade os atributos que qualificam um leitor-potencial parecem estar presentes nestas mulheres num primeiro momento, mas no "olhar tudo de novo" e se reanalisamos cada item podemos generalizar que:

Nossas domésticas são alfabetizadas, mas o hábito de leitura torna-se difícil de ser formado porque:

a) Mesmo tendo acesso ao material de leitura e informação, este material não é fruto de suas experiências, não é adequado, apropriado. É material do patrão, mesmo dado, não lhes "pertence", por não fazer parte de sua cognição;

b) O seu tempo para leitura é muito reduzido e desorganizado. Mesmo quando parece existir o tempo é um tempo alterado ou invadido pelas necessidades da patroa;

c) Não existe ambiente adequado para a leitura. As únicas possibilidades: a área de serviço e o quarto de dormir, não oferecem condições adequadas ao prazer da leitura.

Sofrem assim todas as formas de exclusão: humana, profissional e de gênero. Sendo pobres, empregadas domésticas e mulheres seu interesse e curiosidade pela leitura são excessivamente maiores que as possibilidades sociais oferecidas para a manutenção e crescimento deste interesse. O único livro comprado, o único lido, as únicas cartas recebidas, a alegria da infância traduzida nas peraltices da Magali, estória em quadri-nhos, que Eliene nunca viveu, mas sonhou viver, nunca se apagam. Per-

manecem como uma chama acesa do desejo de saber, de ter estudo, de conhecer, de viver.

Para ser leitor-potencial é preciso mais que 4 categorias estanques. É preciso ser respeitado por uma sociedade a ponto de fazer parte, de pertencer a ela.

## 4.2 Necessidades

Assim como se instituiu uma ideologia de classes, existe uma elaboração cultural, uma retórica dominante do que viria a ser necessidade para os trabalhadores, os periféricos, enfim, os pobres deste país. Institui-se como necessidade aquilo que é necessário para a sobrevivência: alimentos, agasalhos (palavra socialmente preferida), abrigo, transporte. Necessidades que Sader (1988) chama de necessidades de reprodução. São necessidades sociais que já sabemos pela sua dimensão e extensão humana, não serem saciadas.

Mas as empregadas domésticas analisadas neste trabalho não fazem parte desta massa humana periférica, de necessidades sempre iguais, segundo a ideologia. São na sua maioria, migrantes rurais, que pela falta de especialização profissional, pelo baixo nível de escolaridade, ingressam nesta profissão que faz poucas exigências em termos de qualificação para o trabalho.

Nos dias de semana são domésticas. Até no sábado podem ser. Mas aos domingos, "*... tempo fora da esfera de produção, constitui o seu tempo de vida*" (Sader, 1988).

Domingo é dia de "lavar a alma", lavar a casa dos parentes e amigos que as acolhem, no fim de semana, lavar a casa que a família se reúne, lavar-se nas cachoeiras, lavar-se para os bailes, os barzinhos, os

pagodes de quintal, lavar-se para o culto, para a reunião dos amigos do bairro. É tempo de esquivar-se da monotonia do trabalho repetitivo (já pensaram em pia de cozinha?) e ter um verdadeiro sentido de liberdade, de vivência.

Se atividades reservadas para o dia são também domésticas, o estilo é outro. Como pude ver de perto nas visitas que fiz às casas delas, o espaço é pouco, mas a música é alta, o riso é solto, o cheiro da comida preparada é forte. Tudo numa necessidade de excitação porque o domingo acaba amanhã.

A ligação com o mundo lá fora, com o resto da cidade é feita através da televisão.

Ali está vivo um pedaço da cidade onde *"fluem novos significados coletivos que expressam as interpretações formuladas sobre as condições de vida na metrópole"* (Sader, 1988).

Também Magnani se referindo aos "pedaços da cidade" de Sader, fala assim do termo:

*"O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado la casal e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que é fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade"* (1984).

E é deste meio individualizador, onde os indivíduos domésticos são pessoas, que surgem as dúvidas metódicas criadoras de necessidades, e não a desconfiança.

Tentando me libertar dos conceitos já existentes sobre as necessidades das classes trabalhadoras, elaborei perguntas que correspondessem às verdadeiras necessidades daquele grupo que estava sendo pes-

quisado e que respondessem à curiosidade da minha área, de saber quais as necessidades, principalmente de informação, das empregadas domésticas. Uma pergunta feita foi a seguinte:

*Pergunta; Como você fica sabendo das coisas que acontecem?*

*Respostas obtidas:*

- 1) Ivany: Leio no jornal, vejo no jornal da televisão e escuto as pessoas comentando.*
- 2) Eliene: Pela T.V. e o jornal. Mais pela televisão.*
- 3) Ivete: Pelos jornais.*
- 4) Beatriz: Vejo mais pelo jornal da T. V.*
- 5) Marlene: Através das pessoas comentando...*
- 6) Edna: Pelo rádio, televisão e o jornal que eu leio todo dia.*
- 7) Ana: Através dos amigos, jornal, jornal da televisão e rádio.*
- 8) Zilma: Pelo jornal Nacional (televisão).*
- 9) Fátima: Pelo rádio, televisão. Eu escuto rádio o dia inteiro.*
- 10) Maria: Pelo rádio, meu rádio, pra mim, fica ligado direto. O rádio informa tudo direto.*
- 11) Eliane: Pelo Estado de Minas, televisão e com os amigos.*
- 12) Ráilda: Pelo jornal da televisão e o rádio.*
- 13) Aparecida: 1º pelo rádio, televisão e pergunto pras pessoas. Pergunto muito para uma antiga patroa.*

*Sindicalizadas:*

Se pensarmos por estes aspectos ainda é mais assustador já que observamos que o tempo livre, o do relógio, é tão pequeno entre as domésticas, pequeno demais para, se gasto com televisão e rádio, pouco sobrar para o tempo de crescimento interior.

Diante dos dados sobre os jornais como fonte de informação (21,4%) são respostas animadoras. Não foram elaboradas perguntas sobre assuntos de interesse na leitura de jornais. No entanto, no período em que ocorreram as entrevistas, ao citarem a leitura dos jornais, todas as referências eram feitas ao quadro político vigente. Havia um interesse claro em saber se o presidente em exercício deixaria ou não o cargo através do IMPEACHMENT. Inclusive o termo foi citado diversas vezes.

Outra fonte, menos citada, mas de grande importância é a fonte oral. A informação chegada dos amigos, dos parentes. Estes atuam de forma importante na socialização destas pessoas quando chegam da zona rural. São eles que ensinam sobre documentação, arranjam o primeiro emprego, informam sobre a vida na cidade. São informações vindas do "pedaço", das primeiras necessidades dos nossos migrantes rurais.

A outra pergunta a respeito das fontes de possível acesso à obtenção de informações foi a seguinte:

*Pergunta: Quando você quer saber algo diferente, importante para você, onde você busca saber?*

*A) Respostas empregadas não-sindicalizadas:*

*1) Ivany: Com as pessoas, perguntando na casa onde eu trabalho, com a família, né, eles explicam tudo direitinho.*

2) **Eliene:** Pergunto pros meu colegas, até mesmo minha patroa. Agora sobre direito da mulher eu não sei pra quem perguntar...

3) **Ivete:** Pergunto para os colegas.

4) **Beatriz:** Pergunto pras pessoas que sabem mais das coisas, pessoas mais de idade, de trabalho melhor.

5) **Marlene:** Pergunto pras pessoas, minhas irmãs mais velhas.

6) **Edna:** Pergunto para duas cunhadas mais estudadas que explicam tudo direitinho para mim. Elas trabalham num hospital e são mais por dentro da vida.

7) **Ana:** Primeiro eu pergunto as pessoas mais amigas. Se não soubarem aí eu saio perguntando...

8) **Zilma:** Se o rádio não informar, ou a televisão aí eu pergunto para as amigas.

9) **Fátima:** Pergunto para quem eu acho que entende, em geral, meus amigos.

10) **Maria:** Se o rádio não resolve meu problema aí pergunto para uma amiga.

11) **Eliane:** Procuro no jornal ou um amigo que sabe das coisas.

12) **Railda** (tempo de silêncio): Pergunto pras pessoas que sabem mais.

13) **Aparecida:** Pergunto pros colegas e pra uma ex-patroa. Ela sempre me ajuda.

**B) Respostas empregadas domésticas sindicalizadas:**

14) **Maria Ilma:** Muitas pessoas me informam. Me telefonam. Procuro saber também no meu trabalho, trocando idéia com as pessoas.

15) **Anelina:** Com a minha patroa e as amigas da igreja.

16) **Luzia:** Sempre eu pergunto para eles (referindo aos patrões).

17) **Madalena:** pergunto para pessoas acima de mim, que saibam mais e até aqui no sindicato mesmo.

18) **Isabel:** Com o meu patrão.

19) *Natalina: Aqui no sindicato com a Maria Ilma.*

20) *Maria de Fátima: Meu patrão porque ele é uma pessoa muito esclarecida. Uma pessoa de comunicação muito fácil, ele não é só patrão é também amigo da gente. Ele é engenheiro civil. Qualquer dúvida em relação as leis de trabalho ele explica ou manda ligar para o departamento de pessoal da empresa dele.*

Vejo aqui duas explicações para esta busca se centralizar nos amigos, nas relações de família e nos patrões. Uma talvez seja pelas barreiras lingüísticas enfrentadas no meio social que conduz, segundo Freitag (1988), a "depender do outro" para uma solução de seu problema. E este outro é alguém da sua confiança que "fala a sua língua".

A outra explicação seria a interiorização da hierarquia social. Quem detém o poder, a sabedoria, a posição social elevada (patrões), o melhor emprego ou a maior vivência (os mais velhos). É a legitimação concedida ao outro pelo seu "discurso competente". É como diz Matta (1979), saber com quem está falando. Sua estrutura cognitiva não lhe dá autonomia de alçar vôos. Só a de delegar as respostas de sua vida, ao outro.

Outro dado significativo nestas respostas é que 71,4% das empregadas domésticas sindicalizadas recorrem aos patrões para solução de suas necessidades de informação, enquanto que entre as não-sindicalizadas apenas 15,3% recorrem aos patrões, assim mesmo não como a única alternativa. O que mais me chamou a atenção não foi o fato de recorrerem aos patrões, mas a freqüência e serem 42,8% das respostas entre as empregadas sindicalizadas, o patrão a única fonte.

Assim o círculo de possibilidade de crescimento fica muito restrito.

Outro fato interessante é que só entre as empregadas domésticas não-sindicalizadas aparece a citação de fonte como o jornal e o rádio. É interessante lembrar, também, que as empregadas sindicalizadas têm o sindicato como apoio, e estão nos atuais empregos há tantos anos, o que contribui para o estabelecimento de uma confiança e não a desconfiança, tão comum.

O próximo relato de respostas acrescenta mais dados esclarecedores.

*Pergunta: Tem alguma coisa que você gostaria de saber e tem dificuldade de obter a informação?*

*Respostas: Empregadas domésticas não-sindicalizadas:*

*1) Ivany: Não tem nada, quando tem procuro saber com quem entende mais.*

*2) Eliene: Tem. É sobre os direitos da mulher. Era bom ficar sabendo. Infelizmente eu não sei. Direito da mulher no trabalho, no casamento. Infelizmente eu não entendo muito e acho difícil alguém me explicar sobre isto.*

*3) Ivete: Deixa eu pensar aqui... Como se faz para ser secretária?*

*4) Beatriz: Tem muita coisa. Mas é difícil informação direito. Ninguém responde direito. Às vezes eu quero saber sobre o preço para abrir uma caderneta de poupança mas não tem jeito. A televisão dá tanta propaganda, é da caixa azul, dos bancos mas nenhuma dá o preço. Eu quero juntar e não sei quanto, os documentos...*

*5) Marlene: Não tem nada não.*

*6) Edna: Não tem nada.*

*7) Ana: Tem sim. Gostaria de saber sobre os direitos nossos, das empregadas.*

*8) Zilma: É sobre os direitos das empregadas domésticas.*

9) *Fátima:* Tem sim. Eu queria ter informação sobre meu pai. Como ele era, como ele morreu. Se ele sabia assim de mim...

10) *Maria:* Tem sim. Como fazer um curso de cabe/ereira. Como fazer pra ter tempo para treinar. Tem um curso que eu sei que é das 5 e meia até 9 horas. Sou louquinha para ser cabe/ereira.

11) *Eliane:* Como sair desta profissão.

12) *Rai/da:* Saber ler e escrever direito mesmo. Alcançasse a oportunidade de escrever uma carta pra minha mãe, bem escrita, sozinha. Eu só.

13) *Aparecida:* Tem duas coisas. Sobre curso de cabeleireira e sobre caderneta de poupança. Um lugar que eu possa fazer uma poupança mais baixa pra começar juntar pra eu comprar o material da casa.

#### Respostas empregadas domésticas sindicalizadas:

14) *Maria Uma:* Tem. Tenho em mente fazer uma pesquisa sobre a trabalhadora doméstica dentro de Minas Gerais. Não é muito fácil, não tenho experiência de como montar esta pesquisa.

15) *Anelina:* Não tem não. Minha patroa me informa, minhas amigas de igreja...

16) *Luzia:* Não, quando eu tenho dificuldade de saber alguma coisa eu chego pra eles (referindo-se aos patrões) e pergunto, eles explicam com muita atenção, explicam direitinho.

17) *Madalena:* Ah, eu tenho. É sobre o nosso trabalho. De informação de livros, cartilhas que expliquem sobre a nossa situação. Onde tem material falando disto, de nossa profissão. Aqui no sindicato tem pouco.

18) *Isabel:* Tem não. Geralmente tudo eu pergunto com eles pra eles me informar (referindo-se aos patrões). Meu patrão tudo me informa. Em dúvida eu me informo com ele.

19) *Natalina:* Eu gosto de saber dos direitos das empregadas mais para informar para as outras, porque lá (referindo-se ao emprego) eu estava com todos os meus direitos (Natalina não tinha folgas, nem férias) tudo direitinho. Agora eles estão bem vão me aposentar e pagar um apartamento, de aluguel né, na cidade pra mim.

20) *Maria de Fátima: Tem sim. Eu gostaria muito de saber como ter uma casa para mim e minha filha. Como pobre consegue uma casa só com o trabalho. O trabalho honesto, é claro. A gente trabalha muito e isto parece muito difícil de se conseguir.*

Estas respostas trazem muito conteúdo. O que fica claro é que a necessidade deste grupo de trabalhadoras domésticas não são necessidades de sobrevivência, mas de crescimento. 60% das respostas contém uma necessidade explícita de preocupação com o futuro, com o melhorar de vida. Com a segurança, com informações objetivas.

Entre as empregadas domésticas não-sindicalizadas há uma preocupação com a mudança de profissão. Deixar a profissão, ser secretária, ser cabelereira. Estar segura de seus direitos como trabalhadora e como mulher. Ter um crescimento cognitivo que lhe dê autonomia: saber escrever direito, sem ajuda. Tem uma crítica às informações dadas pela televisão, pelo marketing do consumismo: "*... a televisão dá tanta propaganda... mas nenhuma dá o preço*".

São dúvidas metódicas mas sem orientação para serem satisfeitas: "*... acho difícil alguém me explicar sobre isto*" ou "*Mas é difícil informação direito*".

Na palavra "difícil" fica nítido o bloqueio.

Pensando agora nestas trabalhadoras domésticas como sujeito coletivo, o que encontramos foi um conjunto de necessidades, motivações nascidas das vivências, das relações sociais que lhes são possibilitadas. Se Maria lima vai "mais além" é que socialmente ela tem ido "mais além", mais que tantas outras.

Aquilo que não foi dito é porque talvez tenha sido "difícil" de ser nomeado. Está lá dentro, mas a linguagem concisa limita as chances

de se colocar. Estão colocadas suas necessidades internamente. Estão guardadas.

A sociedade é que é difícil. É ela que bloqueia, que não dá chances, que limita a linguagem e as aspirações.

O que estas mulheres querem é muito pouco. É sair de uma profissão sem valor social para outra também feminina e sem peso.

Estão conscientes de suas necessidades, só se perdem no caminho das fontes. A sociedade cria muitas encruzilhadas neste caminho.

Estão próximas de uma classe social privilegiada (a dos patrões), de todos os canais de informação e não têm atendidas suas necessidades básicas: as de se conhecerem como mulheres e trabalhadoras. Quem somos nós? As empregadas domésticas de Minas Gerais. É muito "difícil" fazer uma pesquisa. É muito "difícil" conhecer nossos direitos profissionais. É muito "difícil" conhecer nossos direitos femininos.

A dependência do patrão inibe também as iniciativas. Tendo casa, comida, emprego é mais fácil solicitar tudo no âmbito doméstico. E é "difícil" sair dele.

Será que diante de tantas dificuldades as trabalhadoras domésticas se sentem ainda em posição de desigualdade perante os homens na busca de informação?

Foi feita a seguinte pergunta:

*Pergunta: Quem na sua opinião está melhor informado? O homem, a mulher ou estão em condições iguais?*

*Respostas: (aqui não vou separar as sindicalizadas das não-sindicalizadas, trabalhando só o gênero-mu/her).*

1) **Ivany:** É eu. Meu noivo é muito tímido, muito calado, ele não pergunta as coisas.

2) **Eliene:** As mulheres. Eu sei de coisa que meu noivo, por exemplo, não sabe. Eu acho que eu tenho mais informação do que ele. Agora que ele está trabalhando é que está tendo uma informaçãozinha. Eu sei um banco, um documento, uma guia (referindo-se à marcação de exame no INAMPS) e ele não.

3) **Ivete:** Pode falar o nome de verdade? Os homens sabem mais. Saem mais, dão mais notícias, saem muito, estão por dentro.

4) **Beatriz:** As moças têm um pouco de sabedoria. Mas os rapazes sabem mais das coisas. Esses homens de hoje em dia sabem de tudo. Eles ficam mais na rua. Eles devem ler mais que a gente.

5) **Marlene:** Eu acho que eu. Eu acho porque ele só fica em casa. Trabalha em casa. Pergunta pouco. Eu sei mais coisas.

6) **Edna:** Eu acho que sou eu, as outras mulheres. Eu pergunto. Ele é calado. Quem não pergunta e não lê não sabe das coisas.

7) **Ana:** Acho que as mulheres. Têm mais tempo e mais amizade para saber. Marido não tem tempo para informação. O meu, coitado, trabalha igual um condenado.

8) **Zilma:** No meu ponto de vista acho que são os homens. Eles são mais inteligentes. Mais comunicativos. A mulher fica só dentro de casa. Só vê televisão...

9) **Fátima:** As mulheres. Os homens são muito machistas. Eles querem fazer que sabem sem perguntar. As mulheres quer sempre tirar as dúvidas e homem não sabe e não quer dar o braço a torcer que não sabem. Não perguntam. Não querem saber dessas coisas sobre mulheres, também quando quiserem (dá uma risada) a gente já dominou o mundo.

10) **Maria:** Acho que os homens, que eles dão notícia de tudo. Têm mais prática. A mulher tem o prazo mais curto.

11) **Eliane:** Os dois sabem ao mesmo tempo de muita coisa mas acho que os homens sabem mais porque têm mais, como é que eu digo... mais liberdade. Homem não pára em casa, está na rua, fica atento a tudo.

12) *RaHda:* Eu acho as mulheres. As mulheres convivem mais uma com as outras, convive mais, conversa mais, pergunta. Num é só assunto de jogo, de mulherada... Homem é sempre mais caído. Não é de ficar perguntando, se informando...

13) *Aparecida:* As mulheres. Elas não deixam dúvidas. Homem é muito metido a saber tudo. Não pergunta...

14) *Maria Uma:* Ah, tem diferença. A mulher ultimamente tem procurado se atualizar. Não é todo homem que se interessa em atualizar. Eu acho que a mulher anda mais informada que o homem. Mesmo porque não é todo homem que dá importância às coisas das mulheres. Por exemplo, se tem um problema são mais mulheres participando mais, porque estão tendo uma abertura maior. Nós não estamos mais naquele tempo em que a mulher vivia à sombra do político e ninguém sabia que a mulher trabalhava mais do que ele. A mulher está mais bem atualizada que os homens. Se bem que o poder está mesmo na mão dos homens. Por isto é que cada vez mais as mulheres têm ficado mais informadas. Pra deixar de ser aquele objeto de cama e mesa, para ser o senhor da sociedade. Devemos estar cada vez mais atuantes e participar, porque nós somos o número maior de eleitoras. Mas a mulher está mais informada na vida, mais atuante, graças a Deus.

15) *Ane/ina:* Eu acho que hoje é tudo igual.

16) *Luzia:* Acho que é igual. Todos eles sabem igual. É só ter chance. Vê a minha patroa, por exemplo. Ela é médica. Ela sabe tudo. Mesmo uma palavra que a gente não sabe falar direito, ela explica.

17) *Madalena:* As mulheres. Porque fazem parte de muitas coisas, muitos grupos. Homem é desligado de informação. Já acha que sabe...

18) *Isabel:* A mulher. Principalmente doméstica é mais bem informada. Homem não vai atrás de notícia. Mulher vai.

19) *Natalina:* Acho que sabem muito são os homens. Mas depende né, umas mulheres como a Maria Uma sabe de tudo. Conhece todos os direitos.

20) *Maria de Fátima:* É muito relativo. Tem assunto que as mulheres são mais atualizadas. Hoje tudo interessa a todo mundo. Depende só do interesse. Cada um do seu lado procura se informar da melhor maneira possível. Ninguém quer ficar para trás.

Não é por ser mulher que o acesso a informação é inibido. 55% das nossas entrevistadas consideram as mulheres, elas mesmas, mais informadas que os homens. E 15% consideram que não há diferença. Isto é muito importante. Mas o que talvez seja o mais surpreendente, e surpreende pela ideologia que se faz dos grupos menos privilegiados, é o nível de conscientização. Mesmo os 30% de repostas que consideram os homens mais informados, têm a clareza que o espaço privado, o espaço doméstico é que limita o interesse pelo informar-se. É por estar mais no espaço público que o homem é informado. A mulher quando limitada, pelo tempo, ao espaço doméstico e à televisão não tem o mesmo nível de informação que o homem, ou que outras mulheres.

Outro ponto importante é a clareza que estas mulheres têm da sua facilidade de comunicação. "*São mais comunicativas*" "*têm mais amizade*" "*mulher pergunta*". A consciência do não saber, aí a grande sabedoria. Não há nestas repostas nenhuma mística feminina inibidora ao conhecimento.

Há sim uma mística masculina. Que por ser homem, ser macho, não pode dizer que não sabe, não pode perguntar, para não mostrar fraqueza.

Mas talvez na resposta de Luzia a clareza maior:

*"Acho que é iguai. Todos e/es sabem iguai. É só ter chance. Vê a minha patroa, por exemplo. Eia é médica. Eia sabe de tudo..."*

Se socialmente as chances forem iguais não há mística feminina. Se é dado a mulher o espaço público, ou melhor dizendo, se é dado a ela a chance de conquistar este espaço não haverá limite para o seu interesse de informar-se.

*"Por isto é que cada vez mais as mulheres têm ficado mais informadas (referindo-se ao poder masculino). Pra deixar de ser aquele objeto de cama e mesa para ser o senhor da sociedade. "* (Maria lima)

A consciência de que é pertencendo ao espaço, que ela criará um maior número de dúvidas orientadas que, por sua vez, encaminharão ao acesso às informações integrais, eficientes, enriquecedoras. A informação realmente nascida de uma necessidade concreta, do grupo. Não uma informação aurática, inatingível, rarefeita no seu conteúdo. Não uma informação de massa, mas de sujeito integrado, socialmente aceito e atuante. Elas estão a caminho apesar dos bloqueios. Lá vão estas mulheres domésticas construindo seus "pedaços de cidade".

*"As mulheres. Porque fazem parte de muitas coisas, muitos grupos. Homem é desligado de informação. Já acha que sabe"* (Madalena).

### 4.3 Desejos

*"... a palavra que nomeia o desejo não é o próprio desejo, a identidade expressada no discurso do sujeito não é igual ao inconsciente mudo que o impeliu para a fala"* Merleau Ponty citado por Sader (1988).

A necessidade atendida acarreta um certo imediatismo. São motivos diversos, específicos, do momento. É uma pergunta para a qual se obtém ou não a resposta.

Estas mulheres trabalhadoras, empregadas domésticas demonstraram um nível de consciência maior do que foi esperado socialmente, delas. Foram subestimadas em suas necessidades. Talvez porque, mais que uma necessidade, elas almejam uma conquista. A conquista de seus direitos. Não um direito de participação já instituído, determinado pe-

las classes dominantes mas o direito ao crescimento pessoal, individual, completo. Mais que uma necessidade, um desejo. A necessidade proclamada pela fala, como diz Merleau Ponty, não é o desejo guardado que impele para o futuro, que constrói a vida e de onde estes sujeitos trabalhadores extraem sua energia de luta e de conquista a partir de um salário de sobrevivência sem a mínima garantia de um futuro.

O que impele ao desejo é o nível de satisfação anteriormente obtido. Um desejo antigo, talvez alcançado. Como o que impele à necessidade de informação são experiências e conhecimentos anteriormente adquiridos. A vida se faz por acréscimos, por conquistas.

Estas mulheres começaram desde criança a trabalhar. A luta delas se faz por aí. Nenhuma ajuda básica, nenhum apadrinhamento. Só a "ajuda" burlada do patriarcalismo configurado no lar-emprego que bloqueia o espírito de independência. Não é de ajuda de roupas usadas, um sapato quase novo, um brinco, um colar. É a ajuda do acreditar, do confiar, do deixar ir. É não limitar. Não segurar. Não prender.

Começamos então por medir o nível de satisfação com a vida através do trabalho.

*Pergunta: Você gosta de ser doméstica?*

*A) Respostas das empregadas domésticas não-sindicalizadas:*

*zadas:*

*1) Many: Não gosto muito não, mas hoje tá muito difícil emprego, então o serviço que a gente encontra mais, a gente que não tem um bom estudo é o de empregada, mas não tenho nada contra, num me deixa assim infeliz...*

*2) Eiene: Eu gosto. Eu me dou muito bem com as pessoas que fico. Acho bom.*

3) *Ivete: Eu gosto. Já acostumei, igrifos meus)*

4) *Beatriz: Eu não gosto muito não. É o único serviço melhor é este. Porque é difícil arranjar outro. Tenho que aprender a ler mais, ser mais informada. Tenho pouca sabedoria.<sup>7</sup>*

5) *Marlene: Gosto.*

6) *Edna: Eu gosto só pela facilidade do meu horário. Eu trabalho só seis horas.*

7) *Ana: Eu não, de jeito nenhum. Só porque eu sou obrigada mesmo. Sem estudo, eu não tive chance de arrumar coisa melhor.*

8) *Zilma: Eu gosto mais ou menos. Não é boa mas depois de não ter treino de outra profissão, não tenho estudo.*

9) *Fátima: Nem! (Eabana negativamente a cabeça).*

10) *Maria: Eu gosto. ,As vezes quando a patroa é doméstica também (ela ri) aí é ruim demais, elas ficam em cima da gente. Agora quando a patroa trabalha aí é melhor. A gente é mais livre faz o serviço do jeito da gente. Eu tenho uma birra deste negócio de me ensinar a passar pano no chão, nos móveis. Arrí! Eu nasci fazendo isto<sup>8</sup>*

11) *Elane: Gostar não gosto não, mas... tem lugar que a gente trabalha que a gente não é tratado como ser humano. Tem gente que trata com discriminação mesmo, um monte de coisa...*

12) *Railda: Ah! Eu gosto. Gosto mesmo.*

13) *Aparecida: Não. Eu não gosto de ser doméstica e não é por ser mulher. É ruim ser doméstica é ruim ser lixeiro. O errado é não ter estudo e ser tão pobre...*

#### B) Respostas das empregadas domésticas sindicalizadas-

14) *Maria Uma: Tem mais de trinta anos que eu sou. Adoro a minha profissão.*

15) *Aneiina: Eu gosto, gosto sim.*

16) *Luzia: Adoro! Fico dividida entre a minha família e esta que eu trabalho. Eles são muito bons para mim.*

<sup>7</sup> e <sup>^</sup> Observem a força destas frases.

17) *Madalena: Adoro. Não quero outra coisa. Já fiz um monte de curso. Sou uma profissional. Quero ser alguma coisa que venha disso, deste trabalho. Por exemplo: governanta.*<sup>9</sup> *Não quero sair desta profissão. Só deste salário.*

18) *Isabel: Gosto, sinto feliz. Sempre gostei.*

19) *Natalina: Sempre gostei de ser. Aprendi a fazer de tudo. Gostei muito. Olhei os 5 filhos da minha patroa. Fui eu que ensinei os cinco filhos dela a ler. Ficava com eles e ela (a patroa) ia viajar com o marido. Eles tinham confiança.*

20) *Maria de Fátima: Gosto muito. Sou feliz.*

Diante de tanto contraste, tanta diferença se faz necessário olhar mais, chegar mais perto.

As empregadas domésticas sindicalizadas se não gostam da profissão é porque a adoram. As não-sindicalizadas não gostam, detestam ou se gostam é com restrições. Justificam estarem na profissão devido à "falta de estudo".

Vamos para a outra pergunta na tentativa de maiores esclarecimentos:

*Pergunta: Por que resolveu trabalhar como doméstica?*

*A) Respostas empregadas domésticas não-sindicalizadas:*

1) *Ivany: Cidade do interior, pequena, não tem serviço e lá paga menos que o salário. Aí o jeito foi vir pra cá.*

2) *Eliene: Não foi porque eu quis. Meu pai não tinha condições. Eu não tinha estudo suficiente, o que pintou...*

<sup>9</sup> Parece trazer mais realização, mais "status" que ser doméstica.

3) *Ivete*: O estudo é pouco, não dá pra outra coisa. Só coisa pior. Quem trabalha acaba não tem vontade de estudar mais.

4) *Beatriz*: Eu não esco/hi. É a vida de quem não tem muito estudo e não tenho onde ficar, eu tenho que trabalhar de doméstica. Se eu tivesse mais estudo podia trabalhar numa padaria, alugar um barracão. Mas não vejo jeito, não.

5) *Marlene*: É só porque não tenho estudo. Se tivesse eu ia ser enfermeira.

6) *Edna*: Porque eu gosto. Acho que é uma profissão mais folgada de tempo. Sabe o que que é, eu tenho uma menina, já de 6 anos. Aqui eu posso olhar ela.

7) *Ana*: É porque eu não tive chance. Não terminei os estudos.

8) *Uma*: Aconteceu, por falta pura de estudo. Foi a única chance.

9) *Fátima*: Eu não estudei. Não dava para ser outra coisa. Só se for puta...

10) *Maria*: Porque a vida aperta pra gente, tem de trabalhar, não tem estudo, é mais fácil ser doméstica.

11) *Eliane*: Porque é o único que achei até hoje, e também o estudo, né, eu não tenho estudo completo, é difícil.

12) *Raiida*: Porque não tinha estudo né, não podia pegar outra coisa para fazer. Só podia mesmo ser doméstica.

13) *Aparecida*: Foi assim: lá no Serro as coisas foram ficando difíceis. Aí uma parente da patroa da minha mãe me trouxe com 11 anos. Mas eu já faxinava uma casa todinha, aos 9 anos para esta patroa da minha mãe.

#### B) Respostas das empregadas domésticas sindicalizadas:

14) *Maria Uma*: Eu esco/hi. Ou eu ou o destino. Sou filha de dois grandes operários: Jesus Cristo e o outro é meu pai que trabalhou na enxada. Qualquer trabalho com honestidade ou dignidade pode ser qualquer um. Todo trabalho é digno. Tenho chance para outro tipo de trabalho. Mas eu gosto do que faço.

15) *Anelina*: Tinha pouco estudo e tinha que trabalhar de menina, para ajudar os pais. A coisa que apareceu assim,

*que eu achei mais conveniente, era ser doméstica. Talvez não, talvez sim...*

16) **Luzia:** *A gente era pobre. Tinha dificuldade. Era para ajudar e até para ajudar educar a gente. Eu nem sabia que eu era cozinheira. Aí comecei a fazer jantar, o povo gostava. Aí cheguei onde estou. Está bom demais.*

17) **Madalena:** *Eu desde pequenininha eu gostava de casa, de brincar de casinha. Foi uma escolha. Eu gosto de ser doméstica.*

18) **Natalina:** *Lá no interior só fazia mesmo o primário. Era a escolha que tinha. Então a gente ainda menina era chamada para empregar nas casas, olhar os meninos e pensei que quando tivesse mais idade eu ia trabalhar como outra pessoa. Com sete anos minha mãe me deixou empregar. Eu fugia... Aí com 9 anos, no dia que eu tirei o diploma, já te contei né, eu arranjei este emprego. Eles me trataram muito bem e eu fui ficando e fiquei a vida toda. Ah, quando eu vim **eu já era pianista...**<sup>10</sup>*

19) **Isabel:** *O único jeito de ganhar algum dinheiro era este mesmo. Eu quase não tinha estudo...*

20) **Maria de Fátima:** *Eu não escolhi. Com 7 anos foi mais uma necessidade. Eu permaneci nesta profissão porque eu comecei muito cedo e só encontrei pessoas boas que me ensinavam aí eu descobri que a minha vocação era esta. Queria ser cozinheira de forno e fogão. Graças a Deus estou muito satisfeita. Ganho um pouco mais. Estou muito bem.*

Passaremos a outra mais e aí analisaremos as respostas em conjunto.

*Pergunta: Se pudesse escolher outra profissão, você mudaria?*

*A) Respostas das empregadas domésticas não-sindicalizadas:*

---

<sup>10</sup> Observem o orgulho que transparece nesta frase.

1) **Ivany:** Claro, não seria mais doméstica. Um emprego melhor, qualquer um. É muito difícil ser doméstica: salário ruim, longe da terra da gente.

2) **Eliene:** Ah, não sei, sabe. Pra mim que vim do interior sem pai, nem mãe, sem lugar para ficar, a melhor coisa é trabalhar em casa de família. É ser doméstica. A gente consegue mais... Eu gosto de ser assim.

3) **Ivete:** Eu mudaria, claro. Ia ser secretária.

4) **Beatriz:** Queria ser secretária.

5) **Marlene:** Queria ser enfermeira.

6) **Edna:** Eu não mudaria. Queria ser doméstica só com o salário maior para mim e a minha filha.

7) **Ana:** Queria ser enfermeira.

8) **Fátima:** Queria trabalhar de bater máquina.

9) **Zilma:** Se tivesse estudo sim. Aí eu ia escolher. Qualquer um melhor.

10) **Maria:** Eu queria ser cabelereira, mas o material é muito caro.

11) **Eliane:** Queria ser aeromoça.

12) **Railda:** Queria trabalhar numa padaria. Qualquer coisa assim é melhor, né?

13) **Aparecida:** Eu queria um emprego de 8 horas. Num shopping ou cabelereira.

**B) Respostas empregadas domésticas sindicalizadas:**

14) **Maria Ilma:** Tive outras oportunidades. Mas gosto é desta profissão.

15) **Anelina:** Talvez sim, talvez não. Minha mãe queria que eu fosse professora. Não sei se teria cabeça...

16) **Luzia:** Ser doméstica mesmo. Tenho muito orgulho quando sirvo uma mesa bem bonita, eles sentam, comem bastante e falam que gostou. Aí eu fico satisfeita. Profissão é isso. E não tem hora, não. A hora que eles chegam e falam: quero isto... já vou pra cozinha e faço sempre de cara boa. Adoro fazer cursos de culinária, microondas. Aprender coisas novas.

17) **Madalena:** *Ser doméstica mesmo, mas no exterior onde a profissão é valorizada.*

18) **Isabel:** *Se eu tivesse mais estudo, eu teria outra profissão. Qualquer uma.*

19) **Natalina:** *Ah, nunca pensei.*

20) **Maria de Fátima:** *Sou realizada totalmente na minha vida.*

O contraste é curioso. As empregadas domésticas não-sindicalizadas, em sua maioria, não estão satisfeitas na profissão. 53,8% delas não gostam de ser domésticas, 30,7% gostam com restrições e apenas 15,5% gostam da profissão. Entretanto as empregadas sindicalizadas gostam da profissão em sua totalidade: 100%.

Já na pergunta sobre a escolha da profissão, o porque de estar nela, o significado passa por alterações. As empregadas domésticas não-sindicalizadas, em sua totalidade, 100%, afirmam não ter sido uma escolha e sim a única chance de trabalho devido à pobreza e à baixa escolaridade. São vários depoimentos que justificam a escolha como ausência total de opção. Pobre, sem estudo, tendo que trabalhar, o jeito é ser doméstica que não exige maiores qualificações. A obrigatoriedade de assumir uma profissão por falta de opção, justifica, explica o não gostar dela.

A mesma pergunta feita às empregadas sindicalizadas trouxe uma resposta surpreendente. 71,5% admitem não terem escolhido a profissão.

*"... tinha pouco estudo e tinha que trabalhar..."*

*"A gente era pobre, tinha dificuldade..."*

*"Lá no interior só fazia mesmo o primário... era a escola que tinha."*

*"Eu quase não tinha estudo. O único jeito..."*

*"Eu não escolhi. Foi mais uma necessidade, com 7 anos."*

Apenas 28,5% afirmam terem escolhido a profissão de empregada doméstica.

Como explicar o gostar por algo que não se escolheu. Um caso, uma coincidência... mas 71,5% fica difícil de compreender.

Voltemos então à última pergunta. Talvez as explicações apareçam. Mudariam de profissão se pudessem, se tivessem chance de escolher? 84,6% das empregadas não-sindicalizadas mudariam. E têm até um projeto profissional em vista. 7,7% não mudariam devido à flexibilidade do horário e 7,7% não teriam certeza. Entre as sindicalizadas, 57,1% não mudariam de profissão. 14,3% mudariam; 14,3% talvez mudassem e 14,3% nunca pensaram na possibilidade.

Outro fator importante é o que foi mencionado pela presidente do sindicato. O fato de serem sindicalizadas e estarem no mesmo emprego há muitos anos em nada muda quanto ao aspecto salarial. Quanto ao horário, vimos pelas TABELAS 7 e 8 que em nada elas são beneficiadas, muito pelo contrário.

Então o que justificaria este nível de satisfação? Nesta pesquisa a insatisfação, o almejar mudanças é mais compreensível que o contrário. E logo as empregadas sindicalizadas é que apresentam maior grau de satisfação. Por não termos dados que comprovem a resposta talvez seja cabível em uma pergunta: não estaria o sindicato reproduzindo o interesse do sistema econômico vigente, o interesse da classe dominante?

Talvez esteja o sindicato, sem consciência, e sem o menor interesse, reproduzindo para um sistema um grupo de trabalhadoras disponíveis, dóceis e facilmente manipuláveis. Basta que o patrão cumpra com as obrigações das leis (o que já mostramos lhes favorecer) e esclareça algumas dúvidas e todos os seus problemas domésticos estarão resolvidos.

3) *Ivete*: Tenho vontade de casar, ter família, minha casa, ser muito feliz!

4) *Beatriz*: Antes eu pensava conseguir muitas coisas. Hoje eu vejo a dificuldade... Agora eu só penso fazer a poupança e ter uma casa pra mim. Nem marido eu penso mais f(Éla ri). Se vier, veio. Não conto. Só quero a minha casa.

5) *Marlene*: Tenho vontade de ser missionária da Igreja Quadrangu/ar. Fazer isto por espontânea vontade. Saber falar bem, pregar.

6) *Edna*: Meu sonho é construir uma casa para mim e a minha filha.

7) *Ana*: A minha vontade é fazer o curso de enfermagem.

8) *ZUma*: A minha vontade na vida é ter uma casa minha, não dormir na casa que é dos outros. Uma casa para o meu filho...

9) *Fátima*: Ter minha casa própria. Não depender de favor. Sair do serviço e ir pra casa.

10) *Maria*: O meu é de fugir daqui. Ter coisas bonitas, ter coisas arrumadinhas...

11) *E/iane*: O meu maior desejo é ser uma pessoa de respeito e poder ser aeromoça.

12) *Railda*: É ter uma vida financeira melhor pra eu não precisar trabalhar tanto, assim direto, sem nunca folgar (Railda vende todas as suas folgas, pelo preço dobrado, para ajudar à família).

13) *Aparecida*: Pergunta difícil. Acho que é um bom salário, consideração, ter um barracão, não depender... é muita coisa!

#### B) Respostas empregadas domésticas sindicalizadas

14) *Maria Uma*: Eu tenho dois grandes sonhos: A sede das empregadas domésticas, um albergue, uma casa de apoio à empregada doméstica e o sonho de conhecer a Espanha. Aí eu vou me sentir uma mulher realizada. É que na roça não tinha cinema, teatro. Então aparecia o circo, eu passava debaixo do pano. Tinha aquelas bailarinas, eu ficava vidrada. Um dia eu tinha que conhecer aquelas mulheres, lá na terra delas. Eram as espanholas...

**15) AneUna:** *Muitas coisas. Acabar com esta miséria toda. Toda criança abandonada, os velhinhos que vivem por aí. Estes aumentos todos por aí. Um mundo melhor, né? As pessoas mais fraternas...*

**16) Luzia:** *Do jeito que já estive, hoje eu acho que estou tão melhor... Então não fico sonhando demais. Contento com o que tenho. Fico satisfeita. Mas já no fundo tem um sonho sim: conhecer o Rio, Bahia e Brasília.*

**17) Madalena:** *Eu tenho um grande sonho e é nesta nossa área mesmo, de doméstica. Eu queria trabalhar como empregada doméstica no exterior. Tirando esta exploração que tem aqui. Eu fiz curso de governanta residencial. Eu sou muito profissional.*

**18) Isabel:** *Tenho o grande sonho de melhorar de vida. Oi ha que já trabalhei {ri}. Ter minha casa própria, minha. E se puder... um maridinho. Filho eu não penso, já passei da idade...*

**19) Natalina:** *Agora meu sonho é só descansar e tocar o piano para mim, para os amigos. Eu gosto de tocar o parabéns para a/guém no dia do seu aniversário e aquela música assim (começa a cantar...) Amo-te muito, como as flores amam... (do folclore da terra dela).*

**20) Maria de Fátima:** *Meu objetivo é ter a minha casa. Só minha e de minha filha. Meu emprego é ótimo, minha família é ótima, eu quero a minha casa. A minha filha é a coisa mais importante. Temos que ficar juntas. Ela é a coisa boa que me marcou pro resto da minha vida.*

Ainda sobre o desejo, dizia Merleau-Ponty, citado por

Sader (1988):

*"... executa a mediação entre minha intensão ainda muda e as palavras, de tal sorte que minhas palavras surpreendem a mim mesmo e me ensinam o meu pensamento".*

Realmente é preciso "olhar de novo" muitas vezes e escutar os gestos e os sons emudecidos para não equivocar-se.

As necessidades, os desejos ainda não atendidos destas mulheres, "intensão ainda muda", nos surpreendem. Como perguntou

Sader: de onde será que extraem tanta energia? Por mais sufocados que sejam seus anseios, e por mais fundo que sejam obrigados a emudecerem, permanecem. Basta ouvi-las.

Se as empregadas domésticas não-sindicalizadas são mais claras em sua vontade, as sindicalizadas não são menos transparentes. Apenas alguns véus sociais tentam velar, sufocar os seus desejos. Impedi-las de sonhar. Luzia surpreende a ela mesma. Tudo parece perfeito. Não posso sonhar mais. Assim como está, tão melhor do que antes... De repente a surpresa: "... *Mas tá no fundo tem um sonho sim: conhecer o Rio, Bahia e Brasília*".

Nas palavras de Anelina o desejo forte de solidariedade "*As pessoas mais fraternas...* o permanecer doméstica de Madalena é um desejo consciente da profissão qualificada: governanta residencial e com um salário compatível.

No desejo de Isabel a vontade e a feminilidade. "... *Olha que já trabalhei. Ter minha casa própria, minha. E se puder... um maridinho*". Nada de mistificação feminina. De feminino só o afeto.

De uma vida inteira de sacrifício pelos outros Natalina guarda ainda uma vontade e realizável: tocar piano para os amigos.

E a lembrança daquelas "mulheres lindas" que tocavam castanholas, de um circo distante, recuperadas pela memória de Maria Lima, atravessa com ela a sua vida despertando o desejo de conhecer a Espanha, sonho que nenhum "sistema socializador", nenhum artifício da indústria cultural conseguiu apagar. A experiência como secretária de um sindicato aos 13 anos deu-lhe hoje a posição que ela ocupa e deseja devolver à sua "comunidade de destino" em forma de um albergue. Como diz Meneses (1 987)

*"... é a memória que funciona como instrumento biológico-cultural de identidade, conservação, desenvolvimento, que torna legível o fluxo dos acontecimentos. "*

É a memória que interessa por nossos atores, não a sociedade.

Nas domésticas não-sindicalizadas, a falta do brilho de uma bandeira (como é o sindicato) não ofusca o desejo. Apenas o expõe como a realidade de suas vidas: cru. A realidade de ser doméstica, excluída por esta sociedade que a coloca na reserva de um exército feminino de reserva ao sistema capitalista.

O desejo da casa, que deveria ser um direito. De estar próximo dos filhos, o direito a uma profissão.

*"... um bom emprego... uma profissão, que desse nome, um emprego que desse profissão..." (Ivany).*

E em nome de todas e em resposta às nossas hipóteses e aos objetivos propostos neste trabalho, as palavras de Eliane:

*"O meu maior desejo é ser uma pessoa de respeito..."*

**5 RECOMEÇANDO...**

Ao observarmos a mulher como trabalhadora no interior da sociedade brasileira, em diferentes períodos históricos, não podemos deixar de perceber a sua subordinação, criada no seio da família pelo patriarcalismo e assimilada pelo capitalismo, na realização dos seus interesses econômicos, inserindo a mulher no mercado de trabalho em condições inferiores aos homens. Mesmo tendo assalariado as mulheres, ao retirá-las das "funções de casa", o capitalismo não permitiu que esta identidade doméstica se perdesse. Esta identidade lhe seria duplamente útil: na produção, representando uma mão-de-obra numerosa e por ser desqualificada, barata, e na reprodução criando novos trabalhadores ou possibilitando a tantos outros trabalhadores as condições domésticas para chegarem até o trabalho: casa, comida, roupa lavada.

A mulher deveria aceitar esta função de subordinação como parte de sua "natureza feminina". Infantilizada e excluída socialmente, seu trabalho permanece ainda, na maioria dos casos, na obscuridade. Entre o exercício da cidadania e o papel profissional que lhe é sexualmente imposto, há um abismo.

O desenvolvimento do capitalismo no Brasil produziu hierarquias na organização do processo de trabalho. Assim certas características do trabalhador estariam associadas à determinadas tarefas. Idade, nacionalidade, nível de escolaridade constituíam atributos importantes na realização desta hierarquia. Com o trabalho sexualizado, o estado civil e o sexo foram fatores que dificultaram para a mulher trabalhadora brasileira um alcance aos primeiros degraus desta hierarquia. A ela sempre foram dados os últimos degraus: os dos trabalhos mais humilhantes e de pior remuneração. Neves (1983), Pena (1981), Baverman (1981), Rago (1987), Meillassoux (1975) e Bosi (1991) foram alguns dentre tantos autores que destacaram esta realidade em seus estudos. A ideologia nascida do imagi-

nário social burguês, tenta ocultar e diminuir a realidade da vida destas mulheres trabalhadoras. Espera-se delas, principalmente quando são empregadas domésticas, uma docilidade, uma "mística feminina" que elimine o conflito, este sentimento de exclusão social já introjetado. Para a realização desta sociedade capitalista é necessário que elas permaneçam domésticas, para que se efetue uma sociedade harmônica.

Entretanto na vida desta mulheres domésticas, nada é suave. Nem o trabalho, nem o riso, nem o choro, nem os gestos, o modo de vestir, as palavras. "*A minha vida é hoje.*" (Marlene).

O patriarcalismo através da família e o sistema capitalista, elementos formadores da ideologia social representam a "força mantenedora" e executam este "treinamento perverso" e de aspecto tão natural, que sexualiza o trabalho, encoraja a subordinação entre seres iguais e numa democracia idealizada, onde parece existir liberdade de escolha, permite que a mulher se incorpore às profissões mais desqualificadas do mercado formal ou permaneça como uma reserva de mão-de-obra absorvida ou dispensada pelo sistema econômico vigente, de acordo com as necessidades do capital. Na reserva deste exército de reserva de trabalho feminino localizam-se as empregadas domésticas. Como vimos pelos textos de Dayrell (1989), Saffioti (1979), Bruschini (1985), nem em relação aos direitos legais mínimos, alcançados por outras profissões, elas estão equiparadas. Elas mesmas têm dificuldade de se reconhecerem como um grupo profissional. À subordinação a que está submetida a maior parte do contingente feminino, elas sofrem em dobro profissionalmente. Na relação patrão-empregados, no emprego doméstico, fica mais caracterizada a dominação.

Não vivemos uma sociedade democrática. Isto ficou bem claro nos textos de Benevides (1991), Chauí (1981), Sader (1988). Há in-

dícios de que este "estado" de democracia que agora vivemos não deve permanecer por mais um longo tempo. A consciência destas mulheres domésticas não está mistificada. Fica claro pelas suas respostas a determinação de conduzirem suas próprias vidas através do trabalho sem terem que submeter, seja qual for a forma de submissão imposta. A vida destas mulheres não está em harmonia. Dela brota o conflito. Conflito de ser esta mulher idealizada como "rainha do lar", voltada para as atividades domésticas e aquela que se realiza enquanto pessoa e profissionalmente.

*"Quem gosta do sindicato como eu, que gosta de menino de rua como eu, que gosta de viver, a vida não tem sentido se não for para ser vivida. Não quero ser aquela pessoa que fica só parada em casa, sem ter no que pensar. Só lavar, passar e cozinhar, eu não. Então esta dúvida na minha vida sobre o casamento". (Maria lima)*

Desmitificando a sua feminilidade, a sua afetividade quando usadas em função da subordinação, por pequenos passos ela começa a fazer suas escolhas:

*"Eu sofri muito de largar meu serviço. Eu ganhava pouco naquela casa mas eu amava eles. Mas a vida é luta, né? Se pudesse ser só Amor. Senti muito a falta dos meninos. Mas eles iam crescer e eu ia ficar naquela vidinha..." (Ivete)*

Desmistificando o fatalismo social que a condena a permanecer doméstica, apática ela vai percebendo o trabalho como forma de se colocar como mulher e cidadã.

*"Eu via a vida como uma escada imensa, que não ia chegar. Desanimava de pensar... Cheguei, estou chegando com o trabalho. O trabalho são os degraus..." (Luzia).*

Simone de Beauvoir já havia dito isto, com outras palavras, a surpresa por ter vindo de Luzia, explica-se pela nossa assimilação ideológica.

Além do trabalho, as empregadas domésticas reconhecem a informação, o estudo, como os elementos que possibilitam uma maior realização profissional e independência. Fica claro pelas suas respostas que a ausência de escolaridade, a falta de informações apropriadas às suas necessidades, o ter "*pouca sabedoria*" é o que determina estarem até agora neste profissão. O que elas não têm ainda esclarecido é que apesar de terem acesso aos diferentes canais de informação, este acesso é mais da proximidade física que cognitiva.

Os meios de comunicação, através da indústria cultural, oferecem informações massificadas que visam atender à toda a sociedade como se esta fosse uma única pessoa. A linguagem é a mesma para atender a este país plural em características humanas, em direitos humanos, em distribuição de riquezas, em níveis cognitivos. Como disse Ecléa Bosi (1991), vivem a manipular ilusões, repetindo lugares-comuns da ideologia corrente. É assim que a indústria cultural mantém milhões de espectadores espalhando a ideologia de que vivemos democraticamente e que todos os cidadãos têm direito às suas escolhas. Não sei dizer se é fácil ou difícil a escolha diante da falta de opção.

As famílias empregadoras não representam nenhum bloqueio, nem incentivo, ao acesso das empregadas domésticas aos canais informacionais. O seu uso, nos locais de trabalho é permitido. Mas é nesta permissão, é neste "deixar usar" que fica implícita a subordinação. É permitido o uso do interesse do outro. É a leitura, o jornal, o filme escolhido de acordo com o gosto e as necessidades dos patrões. Não realiza, não

atende às necessidades reais das empregadas domésticas. Apenas, às vezes, coincide, e nestes casos vai criando experiências ao despertar-lhes o interesse. Pelos dados alcançados podemos observar que as empregadas domésticas buscam mais informações do que lhe são oferecidas pelos meios formais. Buscam na experiência do trabalho, na leitura que pertence ao outro, na experiência de vida desde os cinco anos de idade. É o caso de Railda:

*"Eu não tive infância. Esse negócio, eu não tinha... Brincar, menos pior. Só escondido. Brinquedo que podia era cabo de enxada".*

Informando-se na vida aprendem que ser mulher, gênero feminino, hoje, é não submeter-se, é contar consigo mesmo para o auto-crescimento.

*"Nunca tive liberdade. Agora é que eu procuro a minha liberdade. Trabalho muito, tomo cerveja, bato papo, para achar a minha vida. Eu fico pensando assim... dedicando tudo, a sinceridade da vida por um homem, um pai, um marido, depois eles não dão valor a gente. Só eu que faço a minha vida" (Maria).*

Têm interesse pela leitura, que fazem com freqüência, mas têm dificuldade com os textos, por isto preferem as revistas onde as ilustrações e as cores ajudam na compreensão. Não demonstram desinteresse e sim dificuldade. Se nos estudos sobre operários brasileiros feitos por Bosi (1991) e Rago (1987) a tônica é o cansaço, entre estas mulheres que entrevistei é "dificuldade". *"É difícil informação direito", "Ninguém responde direito."* (Beatriz).

Devido ao local de trabalho, as domésticas estão próximas de diferentes canais informacionais mas não se apropriam das informações pela distância cognitiva em relação às informações que recebem. São para elas informações auráticas, não possibilitam o que Meneses (1987) chamou de re-conhecimento. Não têm experiências anteriores que as ajudem a decodificar, interpretar e assim poder assimilar o verdadeiro significado. "Falta estudo", "falta chance", "falta conhecimento". Depois de "dificuldade" a palavra mais constante é ausência, representada pela "falta".

Delas não é exigida competência intelectual, qualificação profissional, só o tempo, a disponibilidade e a destreza manual. A falta de competência, de conhecimento não é percebida como uma lacuna, uma doença que se espalha, um estômago vazio. A falta de conhecimento das empregadas domésticas é proveitosa para esta sociedade, só assim a sociedade tem condições de excluir estas mulheres trabalhadoras: são mão-de-obra desqualificada.

Quase não há textos sobre elas. Elas não conhecem sua história, não sabem que têm memória, mal conhecem o seu sindicato. A escravidão é a última história parecida, de que se lembram... A nossa sociedade não valoriza a memória. Como disseram Bosi (1983) e Meneses (1987), melhor nem tê-la, a memória do trabalho torna-se biográfica, vira exemplo, gera mudanças.

As necessidades de informação destas mulheres, empregadas domésticas, não são assim atendidas. Viram respostas de tal imediatismo que se rarefazem em suas vidas não gerando mudanças cognitivas.

As empregadas domésticas analisadas nesta pesquisa possuem todos os atributos que qualificam um leitor potencial, segundo Hatt (1976). Mas são atributos teóricos, não da forma que Hatt os analisa

e que conduz à efetivação como leitor. São alfabetizados, têm curiosidade e interesse, tem acesso ao material, têm simbolicamente tempo para a leitura. Mas este tempo, como vimos, é um tempo descontínuo, o acesso não é pelo reconhecimento, o ambiente não é propício. Nem o ambiente do trabalho nem o ambiente social. A sociedade as exclui, pelo gênero domesticando-as, exclui como cidadãs, mantendo-as desinformadas.

Assim a construção da identidade destas trabalhadoras como mulheres e cidadãs, vencendo o bloqueio da subordinação a que elas estão submetidas socialmente, vai depender não do seu interesse, da sua vontade, mas de um interesse social da realização de uma verdadeira democracia.

Vivemos outra página da história marcada por grandes injustiças sociais chamadas de "povo de meu país", "massa popular", "brasileiro é isto" e no "isto" a imagem de um grande vazio colorido pela televisão. A nossa sociedade é excludente. Exclui diferentes grupos profissionais, velhos, crianças, mulheres. Exclui pela pobreza que ela mesma faz submeter.

Como disse Braverman (1981) *"é uma cadeia em que cada elo pressupõe os restantes e na qual a acumulação de riqueza em um pólo é, portanto, ao mesmo tempo, acumulação da miséria, em outro."* E seguindo por este pensamento, podemos dizer que a segurança e poder masculinos de um lado é ao mesmo tempo a insegurança e submissão feminina do outro.

Como profissionais da informação podemos contribuir para um maior equilíbrio social. Podemos diminuir a pobreza informacional. Muitos estudos podem ser feitos com diferentes grupos sociais. Vamos localizar estes atores e suas necessidades. Não cabe a nossa área a solução da educação de base, mas cabe a nós a permanência e o desenvolvimento

desta educação, se recebida. Podemos com textos adequados que caminhem junto com as experiências dos leitores ampliar os seus conhecimentos lingüísticos e desarmar os bloqueios cognitivos. Em cada "pedaço da cidade", junto de cada grupo profissional, de cada sindicato, podemos colaborar e incentivar a criação de centros de informação e documentação pertinentes a estes diferentes leitores. Levando a informação provida de significado, não a informação aurática, inatingível, estaremos contribuindo para que diferentes entidades como escolas, sindicatos, associações, partidos, não permaneçam a reproduzir, talvez por falta de conhecimento, só a informação dominante, a ideologia que oculta as contradições. Também os bibliotecários, muitas vezes terão que dispor desta áurea ideológica na seleção de documentos adequados a diferentes populações. Devem lembrar sempre que a busca do conhecimento é do outro, podendo sim ajudá-lo a ampliar esta busca no despertar de novos interesses.

São muitas profissões, são muitos cidadãos, mulheres e homens, crianças e velhos sem textos neste país. Devemos tentar outras atuações alternativas além das que já estão sendo feitas até aqui. Mais serviços bibliotecários de extensão e mesmo que menores, mais centros de informação e documentação. Podemos resgatar para estes grupos suas memórias de luta, seu crescimento, pois é a partir do conhecimento do nosso verdadeiro contexto que elaboramos novos textos.

A construção da democracia coloca desafios à criação de alternativas para todos que estão comprometidos com ela. Os cientistas sociais da informação devem buscar novos palcos, novos atores e entregar-lhes os melhores textos. Não podemos concluir nada. A cada instante da nossa profissão, um recomeço.

## **6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

01. ANDRADE, Ana Maria Cardoso de. *Um novo texto no contexto da informação popular: os centros de documentação e comunicação*. São Paulo: USP, 1989. 202 p. Tese (Doutor em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1989.
02. ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1989. 338 p.
03. \_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectivas, 1987.
04. BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe: les faits et les mythes*. 92 ed. Paris: Gallimard. 1949. 395 p.
05. BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. *A Cidadania Ativa: Referendo, plebiscito e iniciativa popular*. São Paulo: Ática. 1991. 208 p.
06. BENJAMIN, Walter, HORKHEIMER, MAX, ADORNO, Theodor W. et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 343 p. (Os pensadores).
07. BOBBIO, Norberto. *O Futuro da Democracia: uma defesa das regras do jogo*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. 171 p. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Or. it.
08. BOSI, Alfredo (org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. Cap. 1. p. 7-15: Plural, mas não caótico.
09. BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 8 ed. Petrópolis: Vozes. 1991, 179 p.
10. \_\_\_\_\_. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. 399 p.
11. \_\_\_\_\_. *Cultura e Desenraizamento*. In: BOSI, Alfredo (org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. Cap. 2. p. 16-41.
12. BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. Cap. 3 p. 82-121: Gostos de classe e estilos de vida. (Organizador de coletânea, Renato Ortiz).
13. BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 379 p.

14. BRUSCHINI, Cristina. *Mulher e trabalho: uma avaliação da década da mulher*. São Paulo: Nobel, 1985. 147 p.
15. CARDOSO, Fernando Henrique. Problemas de mudança social, outra vez? *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, v. 16, p. 54-61, dez. 1986.
16. CASTELLS, Manuel. *The Information city* New York: Basic Blackwell, 1991. Ontr, cap. 1 p. 1-32: The informational mode of development and the restructuring of capitalism.
17. \_\_\_\_\_. *Reestructuration econômica, revolucion tecnológica e nueva organización del território*. Barcelona: s. ed., 1989. p. 39-62: Marco de reflexion.
18. CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982. 418 p.
19. CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1981, 220 p.
20. CORIAT, Benjamin. Autômatos Robôs e a classe operária. *Novos estudos Cebrap*. São Paulo, v. 2, n. 2, p. 31-38, jul. 1983.
21. DAYRELL, Juarez Tarcísio. *De Olho na Escola: As experiências educativas e a escola na ótica do aluno-trabalhador*. Belo Horizonte: UFMG, 1989. 398 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1989.
22. DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história devida e história oral. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.). *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1988. 2 pt. p. 141-156.
23. DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1973, 236 P-
24. \_\_\_\_\_. *Cultura e Ideologia*. *Revistas de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1. p. 71-89, 1984.
25. \_\_\_\_\_. *A Pesquisa Antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas*. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.j. *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. 1 pt. p. 17-37.
26. ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 391 P-

27. EGGERT, Gisela. *Informação no cotidiano do sujeito-mulher feminino*. Belo Horizonte: UFMG, 1992. 113 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, 1992.
28. ELSTER, Jon. *Marx, hoje*. São Paulo: Paz e Terra, 1986. Cap. 3. p. 56-74: Alienação. Cap. 7. p. 140-159: Consciência de classe e luta de classe.
29. \_\_\_\_\_. *Marx, Hoje*. São Paulo: Paz e Terra, 1986. Cap. 7. p. 140-150. *Consciência de classe e luta de classe*.
30. FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983. 123 p.
31. FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em 3 artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1983. 96 p.
32. FREITAG, Bárbara. *Diário de uma alfabetizadora*. Campinas: Papirus, 1988. 224 p.
33. FREUD, Sigmund. *Ei Ma/estar em ia cultura*. 2 ed. Madri: Alianza Editorial, 1973. 239 p.
34. HATT, Frank. *The Reading Process: a framework for analysis and description*. London: Clive Bingley, 1976. 124 p.
35. HOFFNAGEL, Judith Chambliss, MARCUSCHI, Elizabeth. O estilo feminino na interação verbal. In: COSTA, Albertina de Oliveira, BRUSCHINI, Cristina (org.). *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 119-145.
36. HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W. *Temas Básicos da Sociologia*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1978. Cap. 5, p. 78-92: A massa.
37. \_\_\_\_\_. *Temas Básicos da Sociologia*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1978. Cap. 6, p. 93-104: Cultura e Civilização.
38. JARAMILLO, Samuel, CUERVO, Luis Maurício. Tendências recentes e principais mudanças na estrutura espacial dos países latino americanos. In: VALLADARES, Lícia, PRETECEILLE, Edmond (Coord.). *Reestruturação urbana: tendências e desafios*. São Paulo: Nobel, 1990. 2 pt., Cap. 1, p. 103-119.

39. LASH, Scott, URRV, John. *The end of organized capital/ism*. Buckinglanshire: Page Bros, 1987. Chap. 9. p. 285-313.
40. LEFEBVRE, Henri. *Du rural à l'urbain*. Paris: Anthropos. 1970. 285 p.
41. \_\_\_\_\_. *Le droit a la ville*. Paris: Anthropos, 1968. 135 p.
42. \_\_\_\_\_. *Hegel, Marx, Nietzsche ou le royaume des ombres*. Paris: Casteman, 1975. Cap. 3. p. 103-144: Le dossier Marx.
43. MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 224 p.
44. MARX, Karl. *O Capital: Crítica a economia política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. 579 p. v. 1.
45. MATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 272 p.
46. MEILLASSOUX, Claude. *Femmes, greniers et capitaux*. Paris: Maspéro, 1975. 271 p.
47. MENESES, Ulpiano Bezerra. Identidade Cultural e Arqueologia. In: BÓSI, Alfredo (org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. Cap. 12. p. 182-190.
48. MILANESI, Luis. *Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas*. São Paulo: Brasiliense, 1986. 261 p.
49. NEVES, Magda Maria Bello de Almeida. *Condição Feminina, Condição Operária: um estudo de caso sobre operárias têxteis*. Belo Horizonte: UFMG, 1983. 157 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Departamento de Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, 1983.
50. \_\_\_\_\_. *As Trabalhadoras de Contagem: uma história, uma outra história*. São Paulo: USP, 1990. 441 p. Tese (doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1990.
51. NEVES, Maria da Graça R., COSTA, Delaine Martins (coord.). *Mulher e Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: IBAM/UNICEF, 1991, 123 p.

52. OFFE, Claus. *Capitalismo desorganizado: transformações contemporâneas do trabalho e da política*. São Paulo: Brasiliense, 1989. Cap. 1. p. 19-69: A economia política no mercado de trabalho.
53. OLIVEIRA, Francisco. Depois da paz, a guerra. *Novos Estudos Cebrap*. Sao Paulo, v. 16. p. 1, dez. 1986.
54. PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 227 p.
55. PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. *Leitor infinito: Programa de formação de mediadores de leitura 1990*. São Paulo: Divisão de Bibliotecas do Centro Cultural São Paulo, 1990. 38 p. Relatório mimeografado.
56. RAGO, Margareth. *Do cabaré ao iar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 209 p.
57. ROBREDO, Jaime. Considerações Prospectivas para as próximas décadas sobre a evolução da tecnologia da informação no Brasil. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, v. 22, n. 1-2, p. 7-33, jan-jun. 1989.
58. RODRIGUES, Arackcy Martins. *Operário, operária'*, estudo exploratório sobre operariado industrial da Grande São Paulo: Símbolo, 1978. 143 p.
59. ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iuminismo*. 2 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 37-109: As passagens de Paris.
60. SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. 329 p.
61. SADER, Eder, PAOLI, Maria Célia. Sobre classes populares no pensamento sociológico brasileiro. In: CARDOSO, Ruth C. L. (Org.). *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. 1 pt. p. 39-67.
62. SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade das classes: Mito e realidade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 383 p.
63. \_\_\_\_\_. *Emprego Doméstico e Capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1978. 197 p.
64. STORPER, Michael. A industrialização e a questão regional no terceiro mundo. In: VALLADARES, Lícia, PRETÉCEILLE, Edmond (Coord.). *Reestruturação urbana: tendências e desafios*. São Paulo: Nobel, 1990. 2 pt. cap. 2.

65. TANURE, Liliane. Empregada Doméstica x salário mínimo: a classe média muda de vida. *ESTADO DE MINAS*, Belo Horizonte, 24 de janeiro 1993. Caderno Feminino, p. 10.

**ANEXO**

## Entrevista Aplicada

- 01) Qual o seu nome?
- 02) Qual a sua idade?
- 03) Até que ano você estudou?
- 04) Tem quanto tempo que você está neste emprego?
- 05) Quantas horas você trabalha por dia?
- 06) Você tem folgas durante a semana? Quantas folgas?
- 07) Você tem férias todos os anos?
- 08) De que cidade você veio? Onde fica?
- 09) O que você fazia lá antes de vir para Belo Horizonte?
- 10) Há quanto tempo você trabalha como empregada doméstica?
- 11) Você gosta de ser doméstica?
- 12) Por que você resolveu trabalhar como doméstica?
- 13) Se pudesse escolher outra profissão, você mudaria?
- 14) O que você tem mais vontade de conseguir na vida?
- 15) Você gosta de ler? O que você prefere ler?
- 16) O que você já leu, que foi tão importante, que você nunca esqueceu?
- 17) Você lê revistas? Qual? Quando?
- 18) Você lê jornal? Qual? Quando?
- 19) Você lê livros? Lembra-se do último livro que você leu?
- 20) Onde você consegue este material?
- 21) A família para a qual você trabalha possibilita que você use todo este material da casa?
- 22) Como você fica sabendo das coisas que acontecem?
- 23) Tem alguma coisa que você gostaria de saber e tem dificuldade de obter informação?

- 24) Quando você quer saber algo diferente, importante para você, onde você busca saber?
- 25) Na sua opinião quem está melhor informado: o homem, a mulher ou estão em condições iguais?
- 26) Tem algum fato da sua vida, tão importante para você, que você queira me contar?